



Transmissão Intergeracional entre Mães e Filhas da Vinculação, dos Estilos Educativos Parentais e do Sistema de Prestação de Cuidados

Joana Margarida da Silva Alves Cura

Dissertação Apresentada ao ISMT para Obtenção do Grau de Mestre em Psicologia Clínica
Orientadora: Professora Doutora Sónia Simões, Professora Auxiliar, Instituto Superior Miguel
Torga

Coimbra, abril de 2017

Agradecimentos

À minha orientadora, Professora Sónia Simões, pela disponibilidade, atenção dispensada, paciência e dedicação ao longo desta jornada.

À minha família, em particular, aos meu pais, aos meus avós e aos meus padrinhos por todo o incentivo que me deram ao longo deste tempo.

Aos meus amigos, em especial à Sara Pimentel, pela paciência, apoio e compreensão.

À Margarida e ao Fábio pelo incentivo e compreensão ao longo desta etapa.

A todos os que não estão aqui referidos, mas que de uma forma ou de outra, contribuíram para a concretização desta Dissertação.

Muito obrigada.

Resumo

Introdução: As diferentes investigações ao longo dos últimos anos consideram que o estilo de vinculação, o ambiente do sistema de prestação de cuidados e os estilos educativos parentais formam a dinâmica central que molda o percurso de desenvolvimento de um indivíduo desde a infância até à idade adulta, podendo ter efeitos contínuos e ser transmitidos entre gerações. Entender a qualidade da prestação de cuidados fornecida pelos primeiros cuidadores pode servir de modelo para melhor compreender o modo como os indivíduos pensam, se sentem e se comportam nos relacionamentos futuros.

Objetivos: Investigar a transmissão intergeracional, entre mães e filhas, da vinculação, dos estilos educativos parentais e do sistema de prestação de cuidados. Pretende-se, ainda, observar o papel da vinculação e dos estilos educativos parentais na formação das representações das filhas sobre a prestação de cuidados ao longo de duas gerações.

Metodologia: A amostra é constituída por 104 participantes divididas equitativamente entre grupo de mães (GM; $n = 52$) e grupo de filhas (GF; $n = 52$), com idades compreendidas entre os 45 e os 67 anos ($M = 54,49$; $DP = 5,10$) e os 18 e 29 anos ($M = 23,56$; $DP = 2,73$), respetivamente. Todas as participantes preencheram um questionário sociodemográfico e sobre a relação mãe-filha, o *Inventory for Assessing Memories of Parental Rearing Behaviour* (EMBU), a Escala Experiências em Relações Próximas (ECR) e a Escala de Representações Mentais de Prestação de Cuidados (ERMPC).

Resultados: Verificaram-se associações entre a vinculação, os estilos educativos parentais e o sistema de prestação de cuidados entre o grupo de mães e o grupo de filhas. Verificou-se que, na globalidade, a vinculação e os estilos educativos parentais parecem não influenciar as representações acerca da prestação de cuidados ao longo das duas gerações.

Discussão: O presente estudo fornece dados que suportam a premissa de que pode existir uma transmissão intergeracional dos vários construtos estudados, sendo importante considerar que as interações com os pais têm um efeito contínuo no funcionamento das relações e que, estes efeitos prevalecem ao longo da vida. No entanto, todos estes construtos são inerentemente dependentes da qualidade da relação entre cuidadores e filhos, e também, susceptíveis de serem influenciados pelas próprias vulnerabilidades das crianças, dos pais e pelos fatores familiares e ambientais.

Palavras-chave: mães, filhas, transmissão intergeracional, vinculação, estilos educativos parentais, prestação de cuidados

Abstract

Introduction: The different investigations throughout the years consider that the attachment style, caregiving system environment and rearing parenting styles form the central dynamic that molds the course of development of an individual from infancy to adulthood, and it can have continuous effects and be transmitted between generations. Understanding the quality of caregiving provided by the first caregivers may be used as a model to better understand the way the individuals think, feel and behave in future relationships.

Objective: Investigate the intergenerational transmission between mothers and daughters, of the attachment, rearing parenting styles and the caregiving system. It also intended to observe the role of the attachment and the parental rearing styles in the formation of the daughters representations about the caregiving throughout two generations.

Methods: The sample consists in 104 participants split equally between a mother's group (GM; $n = 52$) and a daughter's group (GF; $n = 52$), aged between 45 and 67 years old ($M = 54.49$; $SD = 5.10$) and 18 and 29 ($M = 23.56$; $SD = 2.73$), respectively. All participants filled a sociodemographic questionnaire and a questionnaire about the mother-daughter relationship, the Inventory for Assessing Memories of Parental Rearing Behaviour (EMBU), the Experiences in Close Relationships Scale (ECR) and the Mental Representation of Caregiving Scale (ERMPC).

Results: Associations between attachment, the parental rearing styles and the caregiving system were observed between the mother's group and the daughter's group. It was observed that, in all, the attachment and the parental rearing styles don't seem to influence the representations about the caregiving throughout the two generations.

Discussion: This study provides data that supports the premise that there may exist an intergenerational transmission of the various studied constructs, being important to consider that the interactions with the parents have a continuous effect in the behaviour of the relationships and that, these effects remain throughout the life. However, all these constructs are inherently dependent of the relationship quality between caregivers and childrens, and also, susceptible to be influenced by the vulnerabilities of children, parents, and by the family and environmental factors.

Keywords: mothers, daughters, intergenerational transmission, attachment, parental rearing styles, caregiving

Introdução

Teoria da Vinculação

A teoria da vinculação, desenvolvida por Bowlby (1973, 1969/1982), funda-se num modelo de desenvolvimento emocional que entende a ligação da mãe ao bebé como a base do modelo das relações futuras do indivíduo, promovendo expectativas e avaliações sobre si e os outros, capazes de influenciar as competências sociais e o desenvolvimento emocional ao longo da vida. Segundo esta teoria as crianças detêm um conjunto de comportamentos de vinculação enquadrados geneticamente, passíveis de ativar por forças do ambiente contextual.

Bowlby (1969/1982) definiu como sistema de vinculação o laço afetivo estabelecido com outra pessoa que se mantém no tempo, do qual sobressai a tendência para procurar e assegurar a proximidade física e emocional em relação à figura de vinculação, principalmente perante situações stressantes. No mesmo sentido, Ainsworth (1989) define vinculação como um laço emocional estabelecido com outrem, que é reconhecido como uma fonte de segurança, conforto e auxílio e que garante uma base segura para explorar os contextos onde o indivíduo se encontra integrado e/ou inserido.

O desenvolvimento de relações próximas da criança com adultos preferenciais segue um curso previsível (Ainsworth, 1973; Bowlby, 1969/1982), apesar da existência de importantes variações culturais (Shonkoff e Phillips, 2000). Bowlby (1969/1982) propôs quatro fases para o desenvolvimento do sistema de vinculação – *Orientação e sinais com uma discriminação limitada das figuras; Orientação e sinais dirigidos para uma ou mais figuras discriminadas; Manutenção da proximidade com uma figura discriminada através da locomoção e de sinais e Formação de uma parceria corrigida por objetivos* – em que as primeiras três fases ocorrem durante o primeiro ano de vida e a quarta fase por volta dos três ou quatro anos de idade. Após a última fase proposta por Bowlby (1969/1982), o comportamento de vinculação é menos frequente e urgente, uma vez que a criança amadurece e se sente com menos frequência ameaçada, embora ainda permaneça como uma vertente dominante na vida da criança. Durante a adolescência a vinculação em relação aos pais começa, tipicamente, a ser substituída por laços com outros significativos. Na idade adulta, o vínculo é, geralmente, dirigido aos parceiros ou amigos próximos. Por último, na velhice o comportamento de vinculação chega, habitualmente, a um círculo completo, onde este é direcionado da pessoa em idade avançada para os mais jovens, ou seja, dos pais para a prole.

A partir do estudo “situação estranha” e através do qual procuraram testar empiricamente os princípios da teoria da vinculação, Ainsworth e colaboradores (1978) sistematizaram a existência de 3 estilos de vinculação, nomeadamente: *seguro* (i.e., o apoio do cuidador perante

situações adversas ou ameaçadoras, confere segurança e competências à criança para explorar e se confrontar com diferentes situações), *inseguro evitante* (i.e., os sentimentos de insegurança face aos cuidados recebidos originam uma indiferença em relação à posição do cuidador, sobrepondo-se os comportamentos exploratórios aos de vinculação) e, por último, o estilo *inseguro resistente-ambivalente* (i.e., incertezas sobre a (in)disponibilidade do cuidador em situações de necessidade de apoio). Posteriormente, Main e Solomon (1990) introduziram um quarto estilo de vinculação, que designaram como *desorganizado-desorientado* (i.e., comportamentos contraditórios imprevistos, não direcionados, descontinuados, posturas surpreendentes e sinais de receio perante a figura de vinculação), sendo identificável principalmente em crianças de populações em risco, estando ligado a problemas comportamentais e a sintomas psicopatológicos (Carlson, Barnett, Cicchetti e Braunwald, 1989; Sroufe, Carlson, Levy e Egeland, 1999; van IJzendoorn e Bakermans-Kranenburg, 2003).

Um importante conceito da teoria da vinculação é a noção de desenvolvimento de *Modelos Internos Dinâmicos* (MID; Bowlby, 1973, 1969/1982) que se desenvolvem durante a fase da *Manutenção da proximidade com uma figura discriminada através da locomoção e de sinais* e são contruídos pela criança com base nas suas interações diárias e nas suas experiências com os cuidadores. Assim, as crianças formam representações e modelos mentais das relações com os seus cuidadores, o que vai moldar a sua visão acerca do mundo, do *self* e das figuras de vinculação (Bowlby, 1969/1982; Bretherton, 1990). Os MID são considerados relativamente estáveis e influenciam diversos domínios, tais como, a regulação emocional, o funcionamento de relações próximas, os comportamentos nas relações futuras, as expectativas e as estratégias utilizadas pelo indivíduo e têm, igualmente, um papel na operação de outros sistemas comportamentais (e.g., exploração e prestação de cuidados). A integração destas representações mentais na teoria da vinculação permitiu ter uma perspetiva sobre o sistema de vinculação, fornecendo uma maneira para compreender as mudanças no desenvolvimento da vinculação e a sua influência constante no desenvolvimento e comportamento nas relações.

Sistema de prestação de cuidados (caregiving system) e a sua transmissão intergeracional

A teoria da vinculação fornece uma estrutura ideal para a compreensão da prestação de cuidados uma vez que estipula que a necessidade de segurança e proteção é das mais básicas de todas as necessidades básicas, fornecendo uma base para a compreensão das dinâmicas interpessoais complexas envolvidas em três componentes importantes e interrelacionadas da natureza humana: vinculação, exploração e prestação de cuidados (Bowlby, 1969/1982, 1973, 1980, 1988). Como verificado anteriormente, a teoria da vinculação (Bowlby, 1969/1982) considera que a propensão para formar fortes vínculos emocionais com determinados indivíduos

é uma característica humana inata, contribuindo para a saúde e bem-estar, e que está presente desde a infância, continuando durante a idade adulta e até à velhice. Assim, os indivíduos são detentores de um sistema de vinculação que funciona no sentido de manter a sua segurança através do contacto com os cuidadores (i.e., figuras de vinculação). Esta teoria postula, igualmente, que outro componente básico da natureza humana é a vontade de explorar o ambiente (i.e., brincar, descobrir, perseguir objetivos e participar em atividades com outros significativos; Bowlby, 1988). Assim, quando os indivíduos têm a perceção de que existe uma figura de vinculação (e.g., pais na infância e parceiro romântico na idade adulta) que está disponível quando necessário, estes sentem-se suficientemente seguros para explorar o meio envolvente e exercer atividades independentes.

Um terceiro componente importante e intrínseco à natureza humana de acordo com a teoria da vinculação é a prestação de cuidados (*caregiving*) (Bowlby, 1969/1982, 1988). Bowlby definiu o sistema de prestação de cuidados (*caregiving system*) como os comportamentos que garantem e significam proteção e apoio àqueles que se encontram dependentes ou em situação de necessidade. Este sistema é construído desde muito cedo, através do contacto dos cuidadores com o bebé, observando-se uma interação/reciprocidade, complementaridade e sincronia significativa entre o sistema de vinculação do bebé e o sistema de prestação de cuidados dos pais. De referir que estes dois sistemas têm um objetivo em comum – a proximidade entre a criança e a figura de vinculação (particularmente perante situações de perigo ou ameaça) – e servem uma função comum – a proteção e sobrevivência da criança.

O sistema de prestação de cuidados inclui uma ampla gama de comportamentos que complementam e suportam as relações de vinculação e o comportamento de exploração (Bowlby, 1969/1982, 1988; Kuncz e Shaver, 1994) e agrega duas funções principais: proporcionar um *refúgio seguro* à pessoa vinculada ao apoiar os seus comportamentos de vinculação (e.g., procura de conforto, tranquilidade quando desconfortável; Bowlby, 1988; Collins e Feeney, 2000) e proporcionar uma *base segura* ao apoiar a exploração autónoma do ambiente (Bowlby, 1988; Waters e Cummings, 2000). Para além disso, esta teoria pressupõe que a aptidão do cuidador para responder eficazmente a estas necessidades desempenha um papel importante ao determinar a qualidade da vinculação que se desenvolve entre o cuidador e o outro indivíduo (Ainsworth et al., 1978).

Ao desenvolver díades típicas de mãe e filho, as crianças formam vínculos seletivos como resultado da maturação e de uma história prolongada de interações. Esta forte tendência das crianças preferirem uma figura de vinculação principal, segundo Bowlby (1969/1982), é designada *monotropia*, tendo-a considerado como um aspeto crucial para a função de sobrevivência da vinculação. Ainsworth (1967; Ainsworth et al., 1978) propôs ainda que o que

tem mais influência não é a quantidade de cuidados prestados, mas sim a qualidade destes que mais influencia e explica os diferentes tipos de relações entre mãe e filho. Além dos comportamentos maternos específicos observados durante as interações entre a progenitora e o filho (Ainsworth et al., 1978), Ainsworth conceptualizou igualmente um modelo de prestação de cuidados sugerindo quatro domínios gerais de comportamento, que estão altamente intercorrelacionados, para descrever as principais características do cuidado materno e que influenciam a segurança nas vinculações: *sensibilidade-insensibilidade*; *cooperação-interferência*; *aceitação-rejeição* e *acessibilidade-ignorar*. Esta referiu, ainda, que a qualidade geral da prestação de cuidados maternos pode ser categorizada sob a alçada da *sensibilidade*. De facto, a capacidade da mãe para compreender os sentimentos e as necessidades do filho e de responder de modo apropriado é crucial para a sensação final de segurança deste (Ainsworth, 1967, 1973; Ainsworth et al., 1978; Beeghly et al., 2017; De Wolff e van IJzendoorn, 1997; McElwain e Booth-Laforce, 2006; Stacks et al., 2014). Para além disso, uma reduzida sensibilidade na idade pré-escolar tem também sido empiricamente relacionada, por exemplo, tanto com problemas de internalização (e.g., Crockenberg e Leerkes, 2006; Mount, Crockenberg, Jó e Wagar, 2010) como com problemas de externalização (e.g., Mesman et al., 2009; Shaw, Lacourse e Nagin, 2005).

Como verificado, a prestação de cuidados maternos poderá ter efeito na qualidade das relações de vinculação da criança (Gedaly e Leerkes, 2016; McElwain e Booth-Laforce, 2006; van IJzendoorn, Schuengel e Bakermans-Kranenburg, 1999). Mais especificamente, progenitoras de crianças com vinculação segura são, geralmente, mais sensíveis, responsivas às necessidades da criança, psicologicamente disponíveis e ajustam a prestação de cuidados consoante o desenvolvimento da criança (Belsky, Rovine e Taylor, 1984; Gartstein e Iverson, 2014; Solomon e George, 1999). Mães de crianças com vinculação insegura evitante são, não raras vezes, hostis e renegam as suas funções (Belsky et al., 1984; Egeland e Farber, 1984; Lyons-Ruth e Spielman, 2004) enquanto que as mães de crianças com vinculação ambivalente são descritas como inconsistentes nos cuidados que proporcionam e na forma como respondem às necessidades da criança (Egeland e Farber, 1984; Lyons-Ruth e Spielman, 2004). Finalmente, determinadas progenitoras de crianças com vinculação desorganizada são negligentes, abusivas e/ou têm perturbação (Carlson et al., 1989; Lyons-Ruth e Spielman, 2004; van IJzendoorn e Bakermans-Kranenburg, 2003). Não obstante, importa considerar outros fatores como o temperamento da criança, a personalidade dos pais, as situações de vida e a qualidade conjugal que podem interagir entre si e ter um impacto direto ou indireto nas relações de vinculação segura da criança. Por exemplo, vários estudos têm demonstrado que a vinculação segura da criança está relacionada com *stressores* associados a condições socioeconómicas mais baixas

(Candelaria, Teti e Black, 2011; De Falco et al., 2014; Diener, Nievar e Wright, 2003; Gedaly e Leerkes, 2016), com o aumento ou diminuição de eventos *stressantes* de vida na família, o que pode originar alterações na vinculação da criança (Egeland e Farber, 1984; Raby, Steele, Carlson e Sroufe, 2016; van IJzendoorn et al., 1999) e com maior ajustamento e menos conflitos conjugais dos progenitores estando a vinculação insegura da criança, pelo contrário, associada a uma menor satisfação, menor ajustamento e mais conflitos conjugais (Cummings e Davies, 2002; Davies et al., 2016; Laurent, Kim e Capaldi, 2009).

A prestação de cuidados dos progenitores é vista como estando enraizada nas representações mentais (i.e., MID) destes acerca das suas próprias experiências de vinculação (Main, Kaplan e Cassidy, 1985). Ao longo dos últimos anos, tornou-se claro que a vinculação segura da mãe é um bom preditor da vinculação segura nos filhos e que esse vínculo pode ser mediado pela sensibilidade materna (Ainsworth et al., 1978; Beeghly et al., 2017; Gedaly e Leerkes, 2016; Stacks et al., 2014). Mais especificamente, o estilo de vinculação da progenitora molda a sua capacidade de resposta às necessidades dos filhos o que, por sua vez, contribui para a segurança da criança, significando que existe uma transmissão intergeracional da vinculação e em que o estilo de vinculação (seguro ou inseguro) da mãe é transmitido às crianças através do sistema de prestação de cuidados.

A primeira evidência da transmissão intergeracional da vinculação foi publicada por Main e colaboradores (1985) a partir da introdução do protocolo da *Adult Attachment Interview* (AAI), uma entrevista que avalia a coerência das descrições das experiências dos adultos com os seus progenitores, permitindo a avaliação do estado mental relativamente à vinculação em jovens adultos e em populações mais velhas. Os autores verificaram, assim, que existia uma forte associação entre as representações de vinculação da mãe e a vinculação da criança a ela própria (Main et al., 1985). Numa meta-análise, van IJzendoorn (1995) agregou 18 estudos com um total de 854 díades mãe-filho, verificando que existia uma concordância de 75% entre a segurança da vinculação da mãe avaliada pela AAI e a vinculação segura da criança avaliada pelo procedimento da “Situação Estranha”. Esta tendência foi, também, verificada noutras investigações subsequentes com recurso ao protocolo da AAI (e.g., Lyons-Ruth, Yellin, Melnick e Atwood, 2005; Scharf, Mayseless e Kivenson-Baron, 2012; Tarabulsky et al., 2005) e com recurso a outros instrumentos de avaliação (e.g., Boldt, Kochanska, Yoon e Nordling, 2014; Waters, Bosmans, Vandevivere, Dujardin e Waters, 2015). Esta evidência parece ser, igualmente, estável e constante em diferentes culturas (Hautamäki, Hautamäki, Neuvonen e Maliniemi-Piispanen, 2010; Zreik, Oppenheim e Sagi-Schwartz, 2016) e em diferentes populações de risco (Enlow, Egeland, Carlson, Blood e Wright, 2014; Lockhart et al., 2017; Shlafer, Raby, Lawler, Hesemeyer e Roisman, 2015). Outros estudos verificaram também que

as mães que relataram ter tido percepções seguras e realistas da sua vinculação com a própria mãe, têm mais probabilidade de ter filhos com uma vinculação segura (Main e Goldwyn, 1984; Shah, Fonagy, e Strathearn, 2010). Da mesma forma, estudos transversais que avaliaram a vinculação dos progenitores e dos filhos ao mesmo tempo durante a infância (e.g., McMahon, Barnett, Kowalenko e Tennant, 2006; Soponaru e Dîrțu, 2014), adolescência (e.g., Scharf et al., 2012; Tarabulsky et al., 2005) ou idade adulta (e.g., Cassibba, Coppola, Sette, Curci e Costantini, 2017; Lubiewska, 2012; Obegi, Morrison e Shaver, 2004) também fornecem evidências para a transmissão intergeracional da vinculação revelando associações simultâneas significativas entre gerações.

Através das evidências de diferentes estudos é notório que as primeiras experiências de prestação de cuidados desempenham um papel preditivo na formação de uma vinculação segura, em que o comportamento atípico da progenitora pode ter influências negativas no sistema de vinculação da criança. É igualmente evidente que estes efeitos tendem a persistir ao longo do tempo e que podem contribuir para o padrão de vinculação na adolescência e na idade adulta.

Estilos educativos parentais, relação com a vinculação e sua transmissão intergeracional

Os estilos educativos parentais (EEP) podem ser compreendidos como uma variável do seio familiar, traduzindo o contexto e o clima emocional que resultam das interações entre pais e filhos, a partir das diligências para educar e socializar a prole com base em crenças e valores apreendidos anteriormente (Pacheco, Silveira e Schneider, 2008; Soares e Almeida, 2011). Os EEP permitem perceber as práticas educativas parentais, uma vez que estes representam o conjunto de atitudes que são passadas aos mais novos, dando origem a um contexto que compreende crenças e valores e que gera um clima emocional no qual os pais agem assumindo-se, então, como uma construção útil na identificação das diferentes formas que os pais têm de educar os seus filhos (Darling e Steinberg, 1993). As práticas educativas parentais correspondem, por sua vez, a estratégias e comportamentos com objetivos específicos e claros, por meio dos quais os pais manifestam os seus deveres parentais, com vista à socialização e adaptação social dos filhos. Neste sentido, segundo Darling e Steinberg (1993), o comportamento parental influencia as atitudes, ou seja, as práticas parentais utilizadas revelam o tipo de estilo parental subjacente a cada progenitor. Por seu lado, o processo de socialização que deriva da relação entre pais-filho, condiciona o processo de desenvolvimento da criança na sua totalidade, uma vez que este origina comportamentos percursores das aprendizagens com base nas atitudes emocionais dos pais.

Ao longo dos últimos anos surgiram investigações distintas que analisaram a relação entre a vinculação e as práticas parentais (Cummings, George, Koss e Davies, 2013; Gedaly e Leerkes,

2016; Stacks et al., 2014; van IJzendoorn et al., 1999) sendo, de seguida, destacados alguns dos principais achados. Assim, tem sido referido que as crianças com vinculação segura cooperavam mais em situações de monitorização e tinham progenitores que as acompanhavam mais de perto (Scott, Briskman, Woolgar, Humayun e O'Connor, 2011). Também tem sido sublinhado, que a vinculação está relacionada com as práticas de sociabilização parental das emoções (i.e., processo através do qual os pais ensinam aos filhos as emoções; Eisenberg, Cumberland e Spinrad, 1998), na medida em que os pais de crianças com vinculação segura relataram menos reações punitivas quando estas exibiam sentimentos de desconforto e expressavam menos emoções negativas ao discutir com o filho (Cummings et al., 2013; Morris, Silk, Steinberg e Robinson, 2007). Refira-se, também, que um nível reduzido de calor materno está associado à vinculação insegura do filho (Belsky, Sligo, Jaffee, Woodward e Silva, 2005; Stansfeld, Head, Bartley e Fonagy, 2008). Belsky e colaboradores (2005) concluíram ainda que a experiência de ter progenitores menos autoritários na infância, um clima familiar mais positivo e uma vinculação segura na adolescência são situações preditivas de um comportamento materno mais caloroso, sensível e estimulante na idade adulta. Collishaw e colegas (2007) demonstraram, também, a partir do estudo *Avon Longitudinal Study of Parents and Children*, que quanto mais severamente as mães avaliam o impacto dos maus tratos que sofreram na infância, pior é o ajustamento dos filhos e que estes problemas de ajustamento são mais crónicos quando os abusos foram considerados graves.

As experiências das práticas e comportamentos parentais com os próprios pais podem ter efeitos contínuos e ser transmitidos entre gerações (Bailey, Hill, Oesterle e Hawkins, 2009; Buckholdt, Parra e Jobe-Shields, 2014; Conger, Belsky e Capaldi, 2009; Davies et al., 2016; DeGregorio, 2013; Waldinger e Schulz, 2016), existindo duas hipóteses principais sobre a continuidade ou descontinuidade destes comportamentos. A primeira hipótese é baseada nos princípios da aprendizagem social que sugere que os progenitores aprendem e modelam os comportamentos parentais dos seus progenitores estando, assim, a transmissão intergeracional da parentalidade correlacionada positivamente. Por exemplo, os pais que experienciam níveis mais elevados de calor e apoio positivo estão mais propensos a fornecerem calor e segurança aos seus próprios filhos (Belsky et al., 2005; Jeon e Neppl, 2016; Neppl, Conger, Scaramella e Ontai, 2009). A segunda hipótese sugere que, em vez dos progenitores moldarem a parentalidade recebida por parte dos seus pais, estes irão compensar os comportamentos, particularmente, se estes forem inferiores ao ideal (e.g., severos). Assim, quando estes são alvo de níveis mais reduzidos, por exemplo, de afeto na sua família de origem irão tentar ser mais afetuosos com os seus próprios filhos (Beaton e Doherty, 2007).

Efetivamente, ao longo dos últimos anos surgiram diferentes estudos que analisaram a transmissão intergeracional da parentalidade (e.g., Bailey et al., 2009; Conger, Neppl, Kim e Scaramella, 2003; Jeon e Neppl, 2016; Kovan, Chung e Sroufe, 2009). Por exemplo, num estudo prospetivo, Scaramella e colaboradores (2008) verificaram que a parentalidade na primeira e segunda geração revelou um grau significativo de continuidade, igualmente para a parentalidade severa e positiva, entre as díades mãe-filha de ambas as gerações. As práticas severas estavam associadas a comportamentos externalizantes e disruptivos nos adolescentes, enquanto que as práticas positivas estavam associadas a comportamentos competentes na mesma população. As crianças que apresentavam estes comportamentos em adolescentes tendiam, também, a comportar-se de forma semelhante em adultos, o que por sua vez pode explicar os diferentes estilos parentais que os adolescentes demonstravam como adultos, ao prestar cuidados aos seus filhos (terceira geração). Como a personalidade e as características comportamentais da criança estão, igualmente, correlacionadas com a parentalidade, este estudo ajuda a deslindar as contribuições de cada fator na interação ente progenitor-filho. Por exemplo, quando a prática parental é considerada severa e está associada aos comportamentos externalizantes da criança, estes comportamentos contribuem, então, para que essa criança se torne um progenitor com práticas parentais severas em relação aos seus filhos. Num outro estudo, Vermulst e colegas (1991) examinaram o funcionamento parental em díades avó-mãe, tendo concluído que aproximadamente um terço da variação dos comportamentos parentais das mães poderia ser explicado através do funcionamento dos avós. Outros estudos examinaram, no mesmo sentido, que as estratégias fisicamente punitivas e agressivas na geração dos avós predizia uma prática similar na geração de pais e netos (Bailey et al., 2009; Wang, Xing e Zhao, 2014), que a violência na família de origem se tende a repetir nas gerações seguintes (Conger et al., 2003; Lunkenheimer, Kittler, Olson e Kleinberg, 2006) e que quando os pais têm práticas abusivas para com os filhos, estes correm o risco de repetir este mesmo padrão em adultos com os seus próprios filhos (Conger et al., 2009; Conger, Schofield e Neppl, 2013).

As origens das variações das práticas parentais são extremamente complexas, no entanto, como verificámos, importa considerar que as características das crianças, as determinantes biológicas e o funcionamento psicológico dos pais e os contextos ambientais influenciam diretamente a parentalidade e indiretamente, através da criação dos filhos, o desenvolvimento da criança (Belsky, 1984; Conger et al., 2013; Stacks et al., 2014; Wang et al., 2014).

Assim, com as diferentes investigações ao longo dos últimos anos, tornou-se claro que as diferenças individuais nos estilos de vinculação começam a pronunciar-se através das interações com os pais durante a infância e envolvem uma interação complexa entre o sistema de vinculação e outros sistemas comportamentais com base biológica (e.g. sistema de prestação de

cuidados). Contudo, Bowlby (1988) refere que interações relacionais significativas durante a adolescência e até na idade adulta podem mover o indivíduo de um estilo de vinculação para outro. Além disso, crescentes investigações têm confirmado que, efetivamente, o estilo de vinculação pode mudar, subtil ou drasticamente, dependendo do contexto atual, experiências novas e relacionamentos recentes do indivíduo (Allen, McElhaney, Kuperminc e Jodl, 2004; Cassibba et al., 2017; Raby et al., 2016).

É notório que a transação entre os MID do indivíduo, o ambiente do sistema de prestação de cuidados e os estilos educativos parentais formam a dinâmica central que molda o percurso de desenvolvimento de um indivíduo desde a infância até à idade adulta. Não obstante, importa considerar que é necessária considerar uma abordagem multidimensional dos sistemas de modo a permitir analisar os fatores independentes e interdependentes das diferentes influências que afetam as interações entre progenitores e filhos.

O objetivo geral deste estudo é explorar a transmissão intergeracional, entre mães e filhas, da vinculação, dos estilos educativos parentais e do sistema de prestação de cuidados. Assim, os objetivos específicos deste estudo são: a) explorar as associações de mães e filhas no que respeita à vinculação, aos estilos educativos parentais e ao sistema de prestação de cuidados; b) observar o papel da vinculação e dos estilos educativos parentais na formação das representações das filhas sobre a prestação de cuidados ao longo de duas gerações e c) explorar a transição do sistema de prestação de cuidados na linhagem feminina, isto é, de mães para filhas.

Material e Métodos

Participantes

O tipo de amostragem é não probabilístico de conveniência, uma vez que foram consideradas todas as alunas do ISMT (e respetivas mães) que acederam em participar no estudo. Foram definidos critérios de inclusão e de exclusão. Como critério de inclusão considerou-se: mulheres jovens adultas, com idades compreendidas entre os 18 e 30 anos e as suas progenitoras. Por seu lado, foram excluídas da amostra as jovens órfãs de mães (critério de exclusão).

A amostra inicial do estudo era constituída por 52 mães e 64 filhas, no entanto optou-se por excluir da amostra os casos em que as mães (das filhas pertencentes ao GF) não preencheram o protocolo, uma vez que o objetivo do estudo recai sob as díades, ou seja, a comparação do grupo de filhas (GF) com as suas respetivas mães (GM). Assim, a Tabela 1 apresenta a caracterização sociodemográfica da amostra final em estudo. A amostra é constituída por mulheres da mesma família, especificamente por 52 adultas (mães; GM) e 52 jovens adultas (filhas; GF) perfazendo

um total de 104 participantes. A faixa etária para o grupo das mães variou entre os 45 e os 67 anos ($M = 54,49$; $DP = 5,10$) e para o grupo das filhas variou entre os 18 e os 29 anos ($M = 23,56$; $DP = 2,73$).

Conforme se pode observar a globalidade das mães (GM) do estudo revela possuir o 3º Ciclo do Ensino Básico ($n = 22$; 42,3%) e, por sua vez, as filhas (GF) o ensino secundário ($n = 32$; 61,5%). Relativamente ao estado civil, verifica-se que, na sua maioria, as mães da nossa amostra (GM) são casadas ou vivem em união de facto ($n = 35$; 67,3%) e que o total das filhas (GF) são solteiras ($n = 52$; 100,0%). Tanto o grupo das mães (GM; $n = 34$; 65,4%), como o grupo das filhas (GF; $n = 45$; 86,5%) residem, maioritariamente, em meio urbano. No que concerne à coabitação, as participantes do grupo de mães (GM) residem essencialmente com o companheiro e com os filhos ($n = 23$; 44,2%) e as participantes do grupo de filhas (GF) numa residência ou apartamento de estudantes ($n = 22$; 42,3%). No que respeita à fratria verifica-se que as mães (GM), na sua maioria, revelam ter 2 irmãos ($n = 22$; 42,3%) e que as filhas (GF) possuem, maioritariamente, 1 irmão ($n = 19$; 36,5%).

Tabela 1
Caracterização sociodemográfica da amostra

		GM ($n = 52$)	GF ($n = 52$)
		M (DP)	M (DP)
Idade		54,48 (5,10)	23,56 (2,73)
		n (%)	n (%)
Escolaridade	1º Ciclo	11 (21,2)	1 (1,9)
	2º Ciclo	0 (0,0)	0 (0,0)
	3º Ciclo	22 (42,3)	4 (7,7)
	Ensino secundário	13 (25,0)	32 (61,5)
	Ensino universitário	6 (11,5)	15 (28,8)
Estado civil	Solteira	1 (1,9)	52 (100,0)
	Casada/União de facto	35 (67,3)	0 (0,0)
	Separada/Divorciada	11 (21,2)	0 (0,0)
	Viúva	5 (9,6)	0 (0,0)
Residência	Urbano	34 (65,4)	45 (86,5)
	Rural	18 (34,6)	7 (13,5)
Com quem reside	Sozinha	0 (0,0)	6 (11,5)
	Companheiro/Namorado	20 (38,5)	5 (9,6)
	Companheiro e filhos	23 (44,2)	–
	Filhos e família	9 (17,3)	–
	Pais	–	17 (32,7)
	Outros familiares	–	2 (3,8)
	Residência/apartamento de estudantes	–	22 (42,3)
Número de irmãos	0	8 (15,4)	16 (30,8)
	1	14 (26,9)	19 (36,5)
	2	22 (42,3)	14 (26,9)
	3	8 (15,4)	4 (5,8)

Nota: GM = Grupo de mães; GF = Grupo de filhas; n = total da subamostra; M = média; DP = desvio-padrão; % = percentagem

Foram, igualmente, obtidas informações através do Questionário sobre a relação mãe-filha para o grupo de mães (GM) e para o grupo de filhas (GF). De referir que as informações acerca do relacionamento das mães (GM) da nossa amostra com a sua mãe foram respondidas com a salvaguarda de que “caso a sua mãe tenha falecido, responda às perguntas refletindo sobre o vosso relacionamento no passado”. Através da análise da Tabela 2 podemos observar que as mães das participantes de GM se encontram (ou encontravam) em “em bom estado físico e mental” ($n = 33$; 63,5%) e que residem (ou residiam), maioritariamente, noutra localidade ou cidade ($n = 31$; 59,6%). Relativamente à frequência com que o grupo de mães fala (ou falava) com a sua progenitora verifica-se que, na sua maioria, fala (ou falava) “uma a duas vezes por semana” ($n = 19$; 36,5%), está (ou estava) com a mãe “uma a duas vezes por semana” ($n = 19$; 36,5%) e que residiu com a mesma 16 a 20 anos ($n = 46$; 88,5%). No mesmo sentido que GM, o grupo das filhas refere que maioritariamente fala com a mãe (GM) “uma a duas vezes por semana” ($n = 19$; 36,5%), a vê “uma a duas vezes por semana” ($n = 19$; 36,5%) e que viveu com a mesma entre 16 a 20 anos ($n = 20$; 38,5%). No que concerne à perceção do grupo de mães no que respeita à relação entre si e a sua mãe e como esta caracteriza este relacionamento, 19 participantes (36,5%) consideram que estão (ou estavam) muito mais próximas do que os outros e, igualmente, 19 participantes (36,5%) consideram a relação das próprias é (ou era) semelhante à dos outros e 18 participantes (34,6%) consideram que o seu relacionamento é (ou era) “satisfatório”, respetivamente. Relativamente à perceção da relação entre as mães (GM) e as filhas (GF) e entre as filhas (GF) e as suas mães (GM), as participantes de ambos os grupos consideram, essencialmente, que a relação das próprias é semelhante à das outras pessoas (GM – $n = 23$; 44,2%; GF – $n = 23$; 44,2%). Pelo contrário, as mães (GM) caracterizam, maioritariamente, o relacionamento com as suas filhas (GF) como “satisfatório” ($n = 24$; 46,2%) e as filhas (GF) caracterizam, na sua maioria, o relacionamento com as suas mães (GM) como “muito bom/bom” ($n = 21$; 40,4%).

Tabela 2

Questionário da relação mãe e filha para GM e GF

		GM em relação à sua mãe	GM em relação à sua filha (GF)	GF em relação à sua mãe (GM)
		<i>n (%)</i>	<i>n (%)</i>	<i>n (%)</i>
A sua mãe encontra-se:	Em bom estado físico e mental	33 (63,5)		–
	Em mau estado físico e a precisar de cuidados	11 (21,2)		–
	Em mau estado mental e a precisar de cuidados	8 (15,4)		–
Onde reside a sua mãe?	Comigo (na mesma casa)	0 (0,0)		–
	Na mesma cidade	21 (40,4)		–
	Noutra localidade/cidade	31 (59,6)		–
Com que frequência fala com a sua mãe?	Todos os dias	11 (21,2)		17 (32,7)
	Uma a duas vezes por semana	19 (36,5)		19 (36,5)
	Uma vez por mês	10 (19,2)		14 (26,9)
	Uma a duas vezes por ano	7 (13,5)		2 (3,8)
	Nunca	5 (9,6)		0 (0,0)
Com que frequência vê a sua mãe?	Todos os dias	11 (21,2)		17 (32,7)
	Uma a duas vezes por semana	19 (36,5)		19 (36,5)
	Uma vez por mês	10 (19,2)		16 (30,8)
	Uma a duas vezes por ano	7 (13,5)		0 (0,0)
	Nunca	5 (9,6)		0 (0,0)
Quanto tempo viveu (ou ainda vive) com a sua mãe?	0-9 Anos	1 (1,9)		0 (0,0)
	10-15 Anos	4 (7,7)		2 (3,8)
	16-20 Anos	46 (88,5)		20 (38,5)
	> 20 Anos	1 (1,9)		13 (25,0)
	Ainda vivo com a minha mãe	0 (0,0)		17 (32,7)
Como considera a relação com a sua mãe/filha?	Estamos muito mais próximas do que os outros	19 (36,5)	18 (34,6)	20 (38,5)
	A nossa relação é semelhante aos outros	19 (36,5)	23 (44,2)	23 (44,2)
	Estamos menos próximas do que os outros	14 (26,9)	11 (21,2)	9 (17,3)
Como caracteriza o relacionamento com a sua mãe/filha?	Muito bom/Bom	16 (30,8)	21 (40,4)	21 (40,4)
	Satisfatório	18 (34,6)	24 (46,2)	18 (34,6)
	Nem satisfatório/nem insatisfatório	16 (30,8)	7 (13,5)	12 (23,1)
	Insatisfatório	2 (3,8)	0 (0,0)	1 (1,9)
	Muito mau	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)

Nota: GM = Grupo de mães; GF = Grupo de filhas; *n* = total da subamostra; % = percentagem

Procedimento

O presente estudo iniciou-se com os pedidos de autorização aos autores portugueses, para utilização dos instrumentos integrantes do protocolo a aplicar. Todas as autorizações foram concedidas.

É uma investigação quantitativa e tem por base uma amostragem não probabilística por conveniência. A amostra foi recolhida presencialmente, tendo sido solicitado junto de um elemento da linhagem feminina (i.e., GM ou GF) o preenchimento do protocolo que, posteriormente, entregava ao outro elemento para o preencher. Foi, igualmente, solicitada autorização ao Instituto Superior Miguel Torga (ISMT), para recolha de amostra nesta instituição junto das alunas de diferentes cursos de ensino superior, tendo o pedido sido deferido. Neste sentido os docentes foram contactados via correio eletrónico para solicitar a sua colaboração, de modo a que a investigadora distribuisse os envelopes que continham o protocolo de instrumentos na sala de aula.

O protocolo de instrumentos foi preenchido pelas participantes, tendo demorado aproximadamente trinta minutos. As jovens participantes levaram para casa um envelope com o protocolo de investigação destinado às suas progenitoras, entregando este protocolo preenchido posteriormente.

Refira-se, ainda, que todas as participantes de cada grupo preencheram uma declaração de consentimento informado e foram informadas acerca da natureza do estudo, tendo sido garantido o carácter voluntário e anónimo da participação, ressalvada a possibilidade de desistir a qualquer momento sem prejuízo para a própria e a confidencialidade dos dados recolhidos.

Instrumentos

O protocolo de instrumentos da presente investigação – usado tanto no GF como no GM – é constituído por cinco questionários, tendo sido aplicados pela ordem na qual são descritos: Questionário sociodemográfico; Questionário sobre a relação mãe-filha para o grupo de mães (GM) e Questionário sobre a relação mãe-filha para o grupo de filhas (GF); *Inventory for Assessing Memories of Parental Rearing Behaviour* (EMBU; Perris, Jacobsson, Lindström, von Knorring e Perris, 1980; Versão portuguesa: Canavarro, 1996); *Experiências em Relações Próximas* (ECR; Brennan, Clark e Shaver, 1998; Versão portuguesa: Moreira et al., 2006); e a Escala de Representações Mentais de Prestação de Cuidados (ERMPC; Reizer e Mikulincer, 2007; Versão portuguesa: Fonseca, Nazaré e Canavarro, 2013).

Questionário sociodemográfico

O questionário sociodemográfico, usado para caracterização sociodemográfica da amostra, teve como objetivo recolher as seguintes informações de ambos os grupos: idade, escolaridade, estado civil, número de irmãos, local de residência (urbano ou rural) e com quem reside.

Questionário sobre a relação mãe-filha para o grupo de mães (GM)

No sentido de recolher informações acerca do relacionamento das mães da nossa amostra (GM) com a sua mãe e, conforme mencionado anteriormente, foi salvaguardada a questão de “caso a sua mãe tenha falecido, responda às perguntas refletindo sobre o vosso relacionamento no passado” foi formulado um questionário com as seguintes questões: “a sua mãe encontra-se” (e.g., em bom estado físico e mental); “onde mora a sua mãe?”; “Com que frequência fala com a sua mãe”; “Com que frequência vê a sua mãe”; “Quanto tempo viveu (ou ainda vive) com a sua mãe?”; “Quando compara o seu relacionamento com a sua mãe com uma relação mãe-filha normal, diria que” (e.g., a nossa relação é semelhante aos outros); “Em geral, como descreve o

relacionamento com a sua mãe?”. Foi ainda solicitado que o grupo de mães (GM) caracterizasse o relacionamento com as suas filhas (GF) através das seguintes questões: “Quando compara o seu relacionamento com a sua filha com uma relação mãe-filha normal, diria que” (e.g., estamos menos próximas do que os outros) e “Em geral, como descreveria o seu relacionamento com a sua filha?”.

Questionário sobre a relação mãe-filha para o grupo de filhas (GF)

Com o intuito de compreender como o grupo de filhas (GF) descreve o relacionamento com a sua mãe (GM) foi formulado um questionário com as seguintes questões: “Com que frequência fala com a sua mãe”; “Com que frequência vê a sua mãe”; “Quanto tempo viveu (ou ainda vive) com a sua mãe?”; “Quando compara o seu relacionamento com a sua mãe com uma relação mãe-filha normal, diria que” (e.g., a nossa relação é semelhante aos outros); “Em geral, como descreve o relacionamento com a sua mãe?”.

Inventory for Assessing Memories of Parental Rearing Behaviour

O EMBU – Memórias de infância (*Inventory for Assessing Memories of Parental Rearing Behaviour*; Perris et al., 1980; Versão portuguesa: Canavarro, 1996) é um instrumento de autorresposta que permite avaliar as memórias que os adultos têm dos estilos educativos parentais através da avaliação da frequência de determinadas práticas educativas parentais que se compreendem entre a infância e a adolescência do indivíduo, em relação ao pai e à mãe separadamente. A versão portuguesa deste instrumento (Canavarro, 1996) é composta por 23 itens respondidos numa escala tipo Likert de quatro pontos, sendo 1 (“Não, nunca”), 2 (“Sim, ocasionalmente”), 3 (“Sim, frequentemente”) e 4 (“Sim, a maior parte do tempo”). O EMBU é, ainda, composto por três fatores (Canavarro, 1996): *apoio emocional* composto por 7 itens (2, 6, 9, 12, 14, 19, 23) e engloba as práticas dos pais que dão segurança ao filho e possibilitam que este se sinta aceite e confortável na presença destes; *rejeição* constituído por 9 itens (1, 4, 7, 10, 13, 15, 16, 21, 22) e avalia os comportamentos que os pais tendem a procurar para modificar a vontade dos filhos e que são sentidos por estes como sinónimo de pressão, para que, deste modo, ajam em consonância com a vontade dos pais; *sobreproteção* composta por 7 itens (3, 5, 8, 11, 17, 18, 20) e avalia o excesso de proteção relativamente a experiências indutoras de *stress* e adversidades e podem englobar, entre outras, a imposição de regras rígidas e a exigência de total obediência estas. O item 17 é cotado em sentido inverso.

No presente estudo, ainda que tenha sido administrado o instrumento completo, os resultados apresentados correspondem apenas aos itens respondidos relativamente à mãe.

Os valores da consistência interna (alfa de Cronbach) da versão original portuguesa para o pai foi de $\alpha = 0,54$ e para a mãe foi de $\alpha = 0,67$ (Canavarro, 1996). No presente estudo o valor da consistência interna (alfa de Cronbach) para a dimensão *apoio emocional* foi de $\alpha = 0,63$, para a dimensão *rejeição* foi de $\alpha = 0,66$ e para a dimensão *sobreproteção* foi de $\alpha = 0,59$. Para o total da amostra o valor da consistência interna foi de $\alpha = 0,70$. Assim, o EMBU no nosso estudo apresenta valores de consistência interna que variam entre fracos a razoáveis, com exceção da dimensão *sobreproteção*, que evidencia uma consistência inadmissível, segundo Pestana e Gageiro (2008). Porém, o mesmo valor de alfa de Cronbach da dimensão *sobreproteção* pode ser considerado como aceitável, visto que em estudos exploratórios são aceitáveis alfas superiores a 0,50 (Nunnally, 1967, citado por Bean, 1980).

Escala de Experiências em Relações Próximas

A Escala de Experiências em Relações Próximas (ECR; Brennan et al., 1998; Versão portuguesa: Moreira et al., 2006) permite avaliar a vinculação adulta em diferentes géneros de relações próximas (mãe ou uma figura materna, pai ou uma figura paterna, seja companheiro ou melhor amigo) ou nas suas relações próximas em geral. É um instrumento de autorresposta composto por 36 itens que estão divididos equitativamente entre duas dimensões que avaliam o *evitamento* (18 itens; números ímpares) e a *preocupação* (18 itens; números pares). São respondidos numa escala tipo Likert que varia entre 1 (“discordo fortemente”) e 7 (“concordo fortemente”), sendo que o ponto central é o 4 (“neutro”). Esta escala contém itens cotados em sentido inverso, nomeadamente, os itens 3, 15, 19, 22, 25, 27, 29, 31, 33 e 35. Os resultados obtidos, quando elevados, indicam níveis mais baixos na dimensão evitamento e de preocupação nas relações amorosas e podem, ainda, variar entre um mínimo de 36 e um máximo de 252 (Moreira et al., 2006).

No nosso estudo foi utilizada a versão feminina do ECR.

O valor da consistência interna (alfa de Cronbach), no estudo original da versão portuguesa para a dimensão *evitamento* foi de 0,93 e para a dimensão *preocupação* foi de 0,87 (Moreira et al., 2006). No presente estudo, o alfa de Cronbach da escala *evitamento* possui um valor de 0,80 e o da escala *preocupação* um valor de 0,79. Os valores de consistência interna obtidos no nosso estudo representam, segundo os critérios de Pestana e Gageiro (2008), uma consistência razoável e boa, respetivamente.

Escala de Representações Mentais de Prestação de Cuidados

A Escala de Representações Mentais de Prestação de Cuidados (ERMPC; Reizer e Mikulincer, 2007; Versão portuguesa: Fonseca et al., 2013), tal como o nome indica, permite avaliar as representações mentais de prestação de cuidados. A ERMPC é constituída por 27 itens respondidos numa escala tipo Likert de que varia entre 1 (“discordo muito”) e 7 (“concordo muito”) e está organizada em quatro fatores (Fonseca, Nazaré e Canavarro, 2013): *fator 1 – capacidade e disponibilidade para a prestação de cuidados* (i.e., percepção individual da capacidade para prestar cuidados de forma eficaz) constituído por 9 itens (4, 5, 12, 13, 14, 18, 20, 23 e 27); *fator 2 – capacidade de reconhecer as necessidades dos outros* (i.e., percepção individual acerca da capacidade para reconhecer as necessidades das outras pessoas), composto por 6 itens (1, 2, 8, 10, 16 e 25); *fator 3 – motivações para prestar cuidados focadas no self* (i.e., obter benefícios ou evitar consequências negativas) constituído por 8 itens (6, 7, 15, 17, 19, 21, 24 e 26) e *fator 4 – avaliação dos outros como merecedores de ajuda* (i.e., percepção individual acerca dos outros enquanto merecedores de ajuda e cuidados) constituído por 4 itens (3, 9, 11 e 22). Os itens 2, 3, 8, 9, 10, 11, 16, 22 e 25, são itens invertidos.

A adaptação desta escala para a população portuguesa demonstrou que o *fator 1* obteve um valor de consistência interna (alfa de Cronbach) de 0,80, o *fator 2* de 0,79, o *fator 3* de 0,70 e o *fator 4* de 0,76 (Fonseca et al., 2013). Na presente investigação os valores de consistência interna, para cada um dos fatores, variou entre $\alpha = 0,82$ para o *fator 1*, $\alpha = 0,68$ para o *fator 2*, $\alpha = 0,62$ para o *fator 3* e $\alpha = 0,64$ para o *fator 4* que podem ser classificados como representativos de uma fraca consistência interna, à exceção do *fator 1* que obteve uma consistência boa (Pestana e Gageiro, 2008).

Análise estatística

Para a realização da análise estatística e tratamento dos dados recorreu-se ao programa estatístico de análise de dados IBM *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS), versão 22.0 para Windows.

Para a descrição da amostra procedeu-se ao cálculo de estatísticas descritivas como a análise de frequências, médias e desvios-padrão, valores máximos e mínimos das variáveis e valores de assimetria e curtose. Relativamente aos testes estatísticos utilizados, recorreu-se a testes paramétricos, uma vez que o tamanho da amostra permite que sejam executados ($N = 104$) já que nesta amostra, todas as variáveis revelaram valores de assimetria (S_i) entre -0,96 e 0,42 e valores de curtose (K_u) entre -1,68 e 0,27 (Pestana e Gageiro, 2008). Na comparação de médias obtidas nos instrumentos de avaliação, para cada um dos grupos, foi utilizado o teste t de Student

para amostras emparelhadas. Foi, ainda, utilizado o teste do Qui-quadrado para analisar a associação entre as variáveis do Questionário da relação entre mãe e filha de ambos os grupos.

Para analisar as correlações entre as variáveis dos instrumentos adotados entre cada um dos grupos, utilizou-se o coeficiente de correlação r de Pearson. Para a interpretação da magnitude das associações utilizou-se a tipologia de Pestana e Gageiro (2008) para as correlações: de 0,20 a 0,39 considera-se uma correlação baixa; de 0,40 a 0,69 considera-se uma correlação moderada e entre 0,70 e 0,89 uma correlação alta. Em todas as análises realizadas utilizou-se um intervalo de confiança de 95%.

Resultados

Foi realizada, primeiramente, uma análise de frequências relativamente às respostas ao Questionário da relação entre mãe e filha de ambos os grupos (i.e., GM e GF) e verificada a associação entre estas (Tabela 3).

As categorias “Frequência com que o grupo de mães (GM) fala com a sua mãe e o grupo das filhas (GF) fala com a sua mãe (GM)”, “Frequência com que o grupo de mães (GM) vê a sua mãe e o grupo de filhas (GF) vê a sua mãe (GM)”, “Coabitação do grupo de mães (GM) com a sua mãe e do grupo das filhas (GF) com a sua mãe (GM)”, “Caracterização da relação entre o grupo de mães (GM) e a sua mãe e entre o grupo das filhas (GF) e a sua mãe (GM)” e “Caracterização relação entre o grupo de mães (GM) e as suas filhas (GF) e entre o grupo de filhas (GF) e as suas mães (GM)”, apresentaram células com valor esperado menor que 5 tendo-se, assim, optado por se escolher as categorias mais expressivas.

Assim, verificamos que para a frequência com que as mães (GM) e as filhas (GF) falam com a progenitora ($\chi^2 = 0,852$; $p = 0,653$; Cramer's $V = 0,097$) e para a frequência com que a vêem ($\chi^2 = 1,124$; $p = 0,570$; Cramer's $V = 0,111$), não se encontram associações estatisticamente significativas. Da mesma forma, para a percepção da relação entre as mães (GM) e a sua mãe e entre as filhas (GF) e a progenitora ($\chi^2 = 1,494$; $p = 0,474$; Cramer's $V = 0,120$), entre ambos os grupos em estudo ($\chi^2 = 0,305$; $p = 0,858$; Cramer's $V = 0,054$) e, tanto para como o grupo de mães (GM) caracteriza o relacionamento com a sua mãe, e o grupo de filhas (GF) com a sua ($\chi^2 = 1,237$; $p = 0,539$; Cramer's $V = 0,111$) e entre mães (GM) – filhas (GF) e filhas (GF) – mães (GM) ($\chi^2 = 2,600$; $p = 0,273$; Cramer's $V = 0,160$) também não se verificaram associações estatisticamente significativas. Efetivamente, apenas na variável da coabitação entre as mães (GM) da nossa amostra com a sua mãe e das filhas (GF) com as suas mães (GM) se confirmou uma associação estatisticamente significativa ($\chi^2 = 18,649$; $p = 0,000$; Cramer's $V = 0,483$).

Tabela 3

Frequências de resposta no questionário da relação mãe e filha para GM e GF

	<i>n</i> total	GM <i>n</i> (%)	GF <i>n</i> (%)	χ^2	<i>p</i>	Cramer's V
Frequência com que falam: GM–mãe e GF–GM						
Todos os dias	90	11 (27,5)	17 (34,0)	0,852	0,653	0,097
Uma a duas vezes por semana		19 (47,5)	19 (38,0)			
Uma vez por mês		10 (25,0)	14 (28,0)			
Frequência com que se vêem: GM–mãe e GF–GM						
Todos os dias	92	11 (27,5)	17 (32,7)	1,124	0,570	0,111
Uma a duas vezes por semana		19 (47,5)	19 (36,5)			
Uma vez por mês		10 (25,0)	16 (30,8)			
Coabitação: GM–mãe e GF–GM						
16-20 Anos	80	46 (97,9)	20 (60,6)	18,649	0,000	0,483
>20 Anos		1 (2,1)	13 (39,4)			
Relação: GM–mãe e GF–GM						
Estamos muito mais próximas do que os outros	104	19 (36,5)	20 (38,5)	1,494	0,474	0,120
A nossa relação é semelhante aos outros		19 (36,5)	23 (44,2)			
Estamos menos próximas do que os outros		14 (26,9)	9 (17,3)			
Relação: GM–GF e GF–GM						
Estamos muito mais próximas do que os outros	104	18 (34,6)	20 (38,5)	0,305	0,858	0,054
A nossa relação é semelhante aos outros		23 (44,2)	23 (44,2)			
Estamos menos próximas do que os outros		11 (21,2)	9 (17,3)			
Caracterização relação: GM–mãe e GF–GM						
Muito bom/Bom	101	16 (32,0)	21 (41,2)	1,237	0,539	0,111
Satisfatório		18 (36,0)	18 (35,3)			
Nem satisfatório/nem insatisfatório		16 (32,0)	12 (23,5)			
Caracterização relação: GM–GF e GF–GM						
Muito bom/Bom	101	21 (42,0)	21 (41,2)	2,600	0,273	0,160
Satisfatório		23 (46,0)	18 (35,3)			
Nem satisfatório/nem insatisfatório		6 (12,0)	12 (23,5)			

Nota: GM = Grupo de mães; GF = Grupo de filhas; *n* = total da subamostra; % = percentagem; χ^2 = Qui-quadrado; *p* = nível de significância

Na Tabela 4 apresentam-se as correlações de *r* de Pearson correspondentes às dimensões do *Inventory for Assessing Memories of Parental Rearing Behaviour* (EMBU) entre o grupo de mães (GM) e o grupo de filhas (GF). Como observado, o coeficiente de correlação da dimensão *apoio emocional* entre as mães (GM) e as filhas (GF), revela valores de correlação baixos, positivos e estatisticamente significativos ($r = 0,35$; $p < 0,05$). Na dimensão *rejeição* não se verificaram associações entre as respostas de ambos os grupos ($r = 0,01$). Para a dimensão *sobreproteção* o coeficiente de correlação revelou um valor de correlação baixo, positivo mas ainda estatisticamente significativo ($r = 0,32$; $p < 0,05$) entre o grupo de mães (GM) e o grupo de filhas (GF).

Tabela 4
Correlações de Pearson das dimensões do EMBU entre GM e GF

		GM		
		Apoio emocional	Rejeição	Sobreproteção
GF	Apoio emocional	0,35*	-0,19	0,09
	Rejeição	0,07	0,01	0,16
	Sobreproteção	0,20	0,07	0,32*

Nota: * $p < 0,05$; GM = Grupo de mães; GF = Grupo de filhas; EMBU = *Inventory for Assessing Memories of Parental Rearing Behaviour*

Foi estudada, igualmente, a associação entre as dimensões que compõe a Escala de Experiências em Relações Próximas (ECR) entre os grupos de mães (GM) e filhas (GF). Como se pode verificar pela Tabela 5, apenas foi encontrado um valor de coeficiente de correlação baixo, negativo e estatisticamente significativo, entre os grupos em estudo, para a dimensão *preocupação* ($r = -0,36$; $p < 0,01$).

Tabela 5
Correlações de Pearson das dimensões do ECR entre GM e GF

		GM	
		Evitamento	Preocupação
GF	Evitamento	-0,18	0,19
	Preocupação	0,22	-0,36**

Nota: ** $p < 0,01$; GM = Grupo de mães; GF = Grupo de filhas; ECR = Escala de Experiências em Relações Próximas

Através da análise da Tabela 6, representativa das correlações de r de Pearson dos fatores da Escala de Representações Mentais da Prestação de Cuidados (ERMPC) entre as mães (GM) e as filhas (GF), observa-se que, na sua globalidade, não se encontram valores de coeficiente de correlação estatisticamente significativos entre os grupos para os fatores da ERMPC. No entanto, foram encontradas associações baixas, positivas e estatisticamente significativas entre as respostas de ambos os grupos para o *fator 1* ($r = 0,37$; $p < 0,01$). Verificaram-se, ainda, valores de correlação baixos, negativos e estatisticamente significativos entre o *fator 3* do grupo de mães (GM) e o *fator 4* do grupo de filhas (GF) ($r = -0,29$; $p < 0,05$) e entre as respostas do *fator 4* das mães (GM) e as respostas do *fator 3* das filhas (GF) ($r = -0,32$; $p < 0,05$). Observa-se, igualmente, que existem associações moderadas, positivas e estatisticamente significativas entre o *fator 3* da mãe (GM) e o *fator 1* da filha (GF) ($r = 0,42$; $p < 0,01$) e moderadas, negativas e estatisticamente significativas entre o *fator 3* da mãe (GM) e o *fator 2* da filha (GF) ($r = -0,40$; $p < 0,01$).

Tabela 6

Correlações de Pearson dos fatores da ERMPC entre GM e GF

		GM			
		Fator 1	Fator 2	Fator 3	Fator 4
GF	Fator 1	0,37**	0,18	0,42**	-0,17
	Fator 2	0,01	-0,05	-0,40**	-0,05
	Fator 3	-0,02	0,07	-0,01	-0,32*
	Fator 4	-0,08	0,17	-0,29*	-0,16

Nota: ** $p < 0,01$; * $p < 0,05$; GM = Grupo de mães; GF = Grupo de filhas; ERMPC = Escala de Representações Mentais da Prestação de Cuidados; *Fator 1* = capacidade e disponibilidade para a prestação de cuidados; *Fator 2* = capacidade de reconhecer as necessidades dos outros; *Fator 3* = motivações para prestar cuidados focadas no self; *Fator 4* = avaliação dos outros como merecedores de ajuda.

Em seguida, analisou-se a associação entre a vinculação (ECR), os estilos educativos parentais (EMBU) e as representações da prestação de cuidados dentro de cada um dos grupos em estudo, ou seja, do grupo de mães (GM) e do grupo de filhas (GF). De um modo geral, foi verificada a associação entre as dimensões que compõem a ECR e o EMBU com as representações da prestação de cuidados avaliadas pela ERMPC (Tabela 7). Relativamente ao grupo de mães (GM) verifica-se que a dimensão *apoio emocional* se correlaciona apenas com o *fator 2* com um valor de correlação baixo, negativo e estatisticamente significativo ($r = -0,29$; $p < 0,05$) e as dimensões *rejeição* e *sobreproteção* com o *fator 1* e *2* e o *fator 3*, respetivamente, revelando correlações baixas, positivas e estatisticamente significativas que variam de $r = 0,29$ a $r = 0,34$. No que concerne às dimensões da ECR, apenas se verificou uma associação baixa, negativa e estatisticamente significativa entre a dimensão *evitamento* e o *fator 1* ($r = -0,37$; $p < 0,01$) e o *fator 2* ($r = -0,34$; $p < 0,05$), avaliados pela ERMPC.

Em relação ao grupo de filhas (GF), a associação entre as dimensões avaliadas pelo EMBU e as representações da prestação de cuidados (ERMPC) não revelaram, na sua globalidade, valores de coeficiente de correlação estatisticamente significativos, com exceção da associação entre a dimensão *apoio emocional* e o *fator 2* que, no mesmo sentido das suas progenitoras (GM), revelou um valor de correlação baixo, negativo e estatisticamente significativo entre estas duas dimensões ($r = -0,39$; $p < 0,01$). Relativamente à associação entre as dimensões da ECR e os fatores da ERMPC, observa-se uma correlação baixa, negativa e estatisticamente significativa entre a dimensão *evitamento* e o *fator 1* ($r = -0,30$; $p < 0,05$) e baixa, positiva e estatisticamente significativa com o *fator 4* ($r = 0,28$; $p < 0,05$). A dimensão *preocupação* demonstra, somente, uma associação com o *fator 1*, com um valor de correlação baixo, positivo e estatisticamente significativo ($r = 0,30$; $p < 0,05$).

Tabela 7

Correlações de Pearson entre o ECR, o EMBU e a ERMPC no grupo de mães (GM) e no grupo de filhas (GF)

		EMBU			ECR	
		Apoio emocional	Rejeição	Sobreproteção	Evitamento	Preocupação
ERMPC						
Grupo de mães	Fator 1	-0,22	0,32*	0,19	-0,37**	0,18
	Fator 2	-0,29*	0,29*	0,05	-0,17	0,12
	Fator 3	0,08	0,23	0,34*	-0,34*	-0,24
	Fator 4	0,10	-0,18	-0,06	0,01	-0,20
Grupo de filhas	Fator 1	0,16	-0,05	0,04	-0,30*	0,30*
	Fator 2	-0,39**	-0,04	-0,07	0,22	0,19
	Fator 3	-0,16	-0,01	-0,08	0,15	-0,07
	Fator 4	-0,01	-0,14	0,01	0,28*	0,27

Nota: ** $p < 0,01$; * $p < 0,05$; GM = Grupo de mães; GF = Grupo de filhas; ERMPC = Escala de Representações Mentais da Prestação de Cuidados; Fator 1 = capacidade e disponibilidade para a prestação de cuidados; Fator 2 = capacidade de reconhecer as necessidades dos outros; Fator 3 = motivações para prestar cuidados focadas no *self*; Fator 4 = avaliação dos outros como merecedores de ajuda; EMBU = Inventory for Assessing Memories of Parental Rearing Behaviour; ECR = Escala de Experiências em Relações Próximas.

A Tabela 8 demonstra como se distribuem as médias das pontuações de ambas as gerações em cada uma das dimensões avaliadas pelos instrumentos de avaliação EMBU, ECR e ERMPC. Como se pode observar na avaliação da frequência dos estilos educativos parentais avaliados pelas dimensões do EMBU, o grupo de filhas (GF) tem pontuações médias mais elevadas nas dimensões *rejeição* ($M = 2,28$; $DP = 0,43$) e *sobreproteção* ($M = 2,64$; $DP = 0,57$) quando comparado com o grupo de mães (GM), tendo-se apurado diferenças estatisticamente significativas entre os grupos relativamente à dimensão *rejeição* ($t_{(51)} = -3,83$; $p = 0,001$). No que concerne à avaliação das experiências em relações próximas, avaliadas pela ECR, o grupo de mães (GM) revela níveis mais reduzidos de *evitamento* e de *preocupação* nas relações amorosas, situação atestada pela obtenção de pontuações mais elevadas quando comparadas com o grupo de filhas (GF), não se tendo, no entanto, verificado diferenças estatisticamente significativas entre ambos os grupos.

Relativamente às representações mentais de prestação de cuidados avaliadas pelos fatores da ERMPC, conclui-se que não existem diferenças estatisticamente significativas entre ambos os grupos, mais especificamente na capacidade e disponibilidade para a prestação de cuidados (*fator 1*; $t_{(51)} = 0,22$; $p = 0,829$), na capacidade de reconhecer as necessidades dos outros (*fator 2*; $t_{(51)} = -0,84$; $p = 0,403$), na motivação para prestar cuidados focada no *self* (*fator 3*; $t_{(51)} = 0,43$; $p = 0,669$) e na avaliação dos outros como merecedores de ajuda (*fator 4*; $t_{(51)} = -1,41$; $p = 0,164$). O grupo de mães (GM) revela pontuações médias mais elevadas no *fator 1* ($M = 4,73$; $DP = 0,99$) e no *fator 3* ($M = 2,46$; $DP = 0,75$), pelo contrário, o grupo de filhas (GF) obteve pontuações médias mais elevadas no *fator 2* ($M = 5,46$; $DP = 1,05$) e no *fator 4* ($M = 4,25$; $DP = 0,92$).

Tabela 8

Diferenças nas pontuações do EMBU, ECR e ERMPC entre mães e filhas

Diferenças nas pontuações do EMBU, ECR e ERMPC entre mães e pais						
	GM		GF		<i>t</i> (51)	<i>p</i>
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>		
EMBU						
Apoio emocional	2,73	0,60	2,51	0,41	2,69	0,010
Rejeição	1,92	0,54	2,28	0,43	-3,83	0,001
Sobreproteção	2,46	0,61	2,64	0,57	-1,99	0,051
ECR						
Evitamento	3,11	0,82	3,08	0,84	0,13	0,895
Preocupação	4,96	0,75	4,91	0,79	0,27	0,791
ERMPC						
Fator 1	4,73	0,99	4,69	0,91	0,22	0,829
Fator 2	5,30	0,87	5,46	1,05	-0,84	0,403
Fator 3	2,46	0,75	2,39	0,74	0,43	0,669
Fator 4	3,90	1,36	4,25	0,92	-1,41	0,164

Nota: GM = Grupo de mães; GF = Grupo de filhas; *t* = *t* de Student; *p* = nível de significância; EMBU = *Inventory for Assessing Memories of Parental Rearing Behaviour*; ECR = Escala de Experiências em Relações Próximas; ERMPC = Escala de Representações Mentais da Prestação de Cuidados; *Fator 1* = capacidade e disponibilidade para a prestação de cuidados; *Fator 2* = capacidade de reconhecer as necessidades dos outros; *Fator 3* = motivações para prestar cuidados focadas no *self*; *Fator 4* = avaliação dos outros como merecedores de ajuda.

Discussão

O presente estudo teve como objetivo explorar a transmissão intergeracional, entre mães e filhas, da vinculação, dos estilos educativos parentais e do sistema de prestação de cuidados e compreender a influência que a vinculação e os estilos educativos parentais têm na formação das representações mentais das filhas sobre a prestação de cuidados, ao longo das duas gerações.

A amostra final do estudo é constituída por 104 participantes divididas equitativamente entre o grupo de mães (GM; *n* = 52) e o grupo de filhas (GF; *n* = 52) com idades compreendidas entre os 45 e os 67 anos e os 18 e 29 anos, respetivamente. O grupo de mães (GM) revelou, na sua globalidade, ser casada ou viver em união de facto, possuir o 3º ano de escolaridade do Ensino Básico, residir em meio urbano com os companheiros e com os filhos e ter dois irmãos. O grupo de filhas (GF) são, na sua maioria, solteiras, possuem o ensino secundário, residem em meio urbano e em residência ou apartamento de estudantes e têm um irmão.

A partir dos resultados obtidos nas informações dos questionários sobre a relação entre mãe e filha para ambos os grupos (i.e., GM e GF) e a sua associação, podemos aferir que, maioritariamente, não se encontraram associações estatisticamente significativas, particularmente em relação à frequência com que cada uma das participantes de ambos os grupos vê e fala com as respetivas progenitoras, à sua proximidade e à caracterização do relacionamento com as suas mães, tanto para o grupo de mães (GM), como para o grupo de

filhas (GF). Esta situação pode ser indicativa da existência de uma diferente percepção entre os dois grupos em relação às suas mães, especialmente em relação à proximidade e à caracterização do relacionamento. Assim, observou-se unicamente uma associação significativa relativa ao tempo de coabitação com as progenitoras entre os dois grupos de ambas as gerações, que se situa entre os 16 a 20 anos de convivência em conjunto.

No que concerne à transmissão intergeracional dos estilos educativos parentais, como seria de esperar, foram encontradas associações positivas e significativas nas dimensões *apoio emocional* e *sobreproteção* do EMBU, entre o grupo de mães com a sua progenitora e o grupo de filhas com as suas mães. Assim, parece haver uma transmissão intergeracional das práticas que dão segurança aos filhos e que possibilitam que, na presença destes, os filhos se sintam aceites e confortáveis e entre a proteção relativamente a adversidades e experiências geradoras de *stress*. Estes resultados são semelhantes a outros estudos (e.g., Scaramella et al., 2008; Vermulst et al., 1991) que demonstraram que uma geração influencia, intencionalmente ou não, as crenças e os comportamentos da próxima geração, revelando, deste modo, que as experiências que os pais têm com os seus progenitores podem ter efeitos contínuos sobre a sua própria parentalidade. Efetivamente, estudos prospetivos que acompanharam as mães e os filhos desde a infância até à idade adulta, verificaram que existia uma associação direta entre os estilos educativos parentais da primeira geração e da segunda geração (Belsky et al., 2005; Kovan et al., 2009; Scaramella et al., 2008). Por exemplo, Kovan e colaboradores (2009) gravaram interações de progenitores com os seus filhos com 2 anos de idade, tendo voltado a realizar este procedimento várias décadas depois, quando a prole teve os seus filhos e quando estes tinham, aproximadamente, 2 anos de idade. Ao comparar as interações nos dois momentos do estudo, os autores concluíram que existiam semelhanças substanciais nos comportamentos parentais entre as duas gerações. Importa, também, considerar que a transmissão intergeracional dos estilos educativos parentais se pode confirmar tanto para uma parentalidade calorosa e que fornece apoio (e.g., Jeon e Neppel, 2016), como para uma parentalidade agressiva, dura e punitiva (e.g., Conger et al., 2009; Wang et al., 2014) estando, esta última, associada a diversas consequências (Bailey et al., 2009; Conger et al., 2003). Em sentido inverso, não foram encontradas associações na dimensão *rejeição* entre o grupo de mães com a sua progenitora e o grupo de filhas com as suas mães. Assim, parece ocorrer uma interrupção na continuidade desta prática que os pais tendem a utilizar para modificar a vontade dos filhos e que são sentidos por estes como sinónimo de pressão para que, deste modo, ajam em consonância com a vontade dos progenitores. Estes resultados podem ser explicados pela premissa da descontinuidade dos comportamentos parentais, ou seja, os progenitores podem tentar compensar as experiências

que tiveram com os seus próprios pais e que foram sentidas por estes como negativas (Beaton e Doherty, 2007).

Relativamente aos estilos de vinculação e a sua passagem para a geração subsequente, observou-se que existe uma relativa associação entre a preocupação com as relações entre mães e filhas, mas não entre o desconforto com a proximidade e a intimidade (i.e., evitamento) entre estes dois grupos. Da mesma forma, em relação às representações mentais da prestação de cuidados e da sua continuidade entre gerações, os resultados do presente estudo demonstraram que existe uma associação intergeracional dos grupos em estudo acerca da sua perceção individual para a capacidade de prestar cuidados de forma eficaz (fator 1). Verificou-se, igualmente, que esta mesma perceção no grupo de filhas, se associou de forma positiva à obtenção de benefícios ou evitamento de consequências negativas (fator 3) no grupo de mães. Observou-se, também, que a perceção das filhas acerca da capacidade para reconhecer as necessidades dos outros (fator 2) e da sua perceção acerca dos outros enquanto merecedores de ajuda (fator 4) se relacionou negativamente com a obtenção de benefícios ou evitamento de consequências negativas por parte das mães (fator 3). Por último, e no mesmo sentido que o anterior, a obtenção de benefícios ou evitamento de consequências negativas (fator 3) do grupo de filhas associou-se negativamente com a perceção do grupo de mães relativamente aos outros enquanto merecedores de ajuda e cuidados (fator 4). Como verificado anteriormente, Bowlby (1969/1982), conceptualizou a existência de vários sistemas comportamentais dinâmicos (e.g., sistema de vinculação e sistema de prestação de cuidados) que se complementam e influenciam mutuamente. Verificámos que o sistema de vinculação promove a segurança e o conforto pessoal e que o sistema de prestação de cuidados visa responder às necessidades de bem-estar e crescimento dos outros, especialmente, se forem/estiverem dependentes e a necessitar de cuidados. Neste sentido, estes dois sistemas desenvolvem-se no contexto das relações recíprocas entre pais-filhos e onde as crianças podem aprender acerca da prestação de cuidados através da observação e modelamento dos seus próprios cuidadores (Kunce e Shaver, 1994). Estes resultados são similares aos encontrados noutras investigações que analisaram a transmissão intergeracional da vinculação e, conseqüentemente, das representações mentais da prestação de cuidados. Com efeito, as investigações suportam a ideia de que as experiências precoces com cuidadores pautados pela sensibilidade promovem o desenvolvimento de estilos relacionais de vinculação segura e que facilitam o sucesso nos relacionamentos futuros. Por exemplo, Kunce e Shaver (1994) concluíram que, parceiros envolvidos em relacionamentos seguros são mais sensíveis às necessidades do companheiro, mais cooperantes e emocionalmente mais disponíveis. Da mesma forma, os indivíduos com vinculação segura conseguem aprender

através da disponibilidade e de uma prestação de cuidados responsiva e sensível por parte dos cuidadores (e.g., mãe), o que permite que estes mantenham os modelos internos dinâmicos saudáveis e positivos acerca do *self* e dos outros (Bowlby, 1969/1982). Assim, mais tarde, enquanto cuidadores, é mais fácil para os indivíduos com vinculação segura, transferirem os modelos positivos do *self* e dos outros como um recipiente competente de prestação de cuidados e de percepção dos outros como dignos de cuidado. Assim, um cuidador seguro ensina a cuidar e um estilo de vinculação seguro torna possível que se forneça um cuidado responsivo e sensível. Pode-se ainda sugerir, a partir dos resultados obtidos no do presente estudo, que à medida que os indivíduos utilizam uma série de pensamentos, comportamentos e/ou outras estratégias para manter o seu refúgio e base segura, estes também recorrem a uma série de estratégias específicas para atenuar o desconforto e o sofrimento e ajudar a estimular o crescimento e o desenvolvimento de outras pessoas que estão a necessitar de ajuda/cuidados.

No que respeita aos resultados obtidos acerca da influência que a vinculação e os estilos educativos parentais têm nas representações mentais da prestação de cuidados tanto para o grupo de mães em relação à sua progenitora, como para o grupo de filhas em relação às suas mães, verificou-se que, na globalidade, os primeiros dois construtos parecem não influenciar ou relacionar-se com as representações acerca da prestação de cuidados, podendo ser indicativo de uma relativa independência entre construtos, mas que não é consensual com os resultados obtidos noutras investigações (e.g., Bowlby, 1969/1982; Gedaly e Leerkes, 2016; Lyons-Ruth e Spielman, 2004; Mount et al., 2010). As exceções, no grupo de mães, verificaram-se no sentido em que, quanto maior o *apoio emocional*, menor é a capacidade de reconhecer as necessidades dos outros, situação de igual modo verificada no grupo de filhas; e no sentido de que quanto mais elevada é a *rejeição* e a *sobreproteção*, maior é a capacidade e disponibilidade para a prestação de cuidados e para reconhecer as necessidades dos outros e motivações para prestar cuidados focadas no *self*, respetivamente. Já em relação à vinculação, verificaram-se associações no sentido esperado, em que quanto mais elevado o *evitamento* é, menor é a capacidade e disponibilidade para prestar cuidados e menor é a motivação prestação de cuidados focadas no *self*. No grupo de filhas, no mesmo sentido das progenitoras, o *evitamento* relaciona-se de modo positivo com a sua capacidade e disponibilidade para a prestação de cuidados, isto é, quanto mais elevado o *evitamento*, maior é a percepção de que os outros são merecedores de ajuda e cuidados, se assim se justificar. Finalmente, uma maior *preocupação* pressupõe uma capacidade e disponibilidade mais elevada para prestar cuidados aos outros de forma eficaz. Como vimos, os resultados da presente investigação diferem relativamente a outros estudos que mencionam a interligação destes construtos. Por exemplo, Raby e colaboradores (2016)

verificaram que uma sensibilidade na prestação de cuidados na infância pode predizer uma competência social das crianças durante a infância e adolescência o que, por sua vez, pode predizer uma relação romântica funcional durante a idade jovem adulta e o que, por sua vez, pode levar a uma parentalidade positiva e de suporte na idade adulta. De facto, importa considerar a parentalidade como integrada num sistema social complexo que é influenciada pelas características dos pais e dos filhos, mas também por fatores de suporte e *stressores* ambientais e contextuais (Belsky, 1984).

Em relação aos resultados obtidos após a verificação das médias das pontuações de ambas as gerações nas variáveis em estudo, estes permitiram concluir que, na sua maioria, não se verificaram diferenças significativas entre as duas gerações. Estes resultados podem ser reveladores de uma presumível continuidade entre gerações dos estilos educativos parentais, da vinculação e das representações mentais da prestação de cuidados. Como referido anteriormente, estes resultados vão ao encontro dos resultados obtidos noutras investigações (e.g., Belsky et al., 2005; De Wolff e van IJzendoorn, 1997; Neppl et al., 2009; Stacks et al., 2014; Waldinger e Schulz, 2016; Zreik et al., 2016) e podem sustentar os resultados da presente investigação. Apenas na dimensão *rejeição* do grupo de mães face à sua progenitora e do grupo de filhas em relação às suas mães, se verificaram diferenças significativas, o que pode ser indicativo de que os comportamentos e práticas parentais utilizadas pelas progenitoras das mães para modificar a vontade das suas filhas, de modo a que estas agissem em consonância com as suas vontades, sofreram uma descontinuidade intergeracional na geração do grupo de mães em relação à prole. Como já mencionado, esta última situação pode ser explicada e ser representativa da hipótese dos comportamentos compensatórios, ou seja, as mães podem ser especialmente sensíveis a este tipo de comportamentos e como consequência podem estar sensibilizadas e preocupadas em reduzir estas práticas em relação às suas filhas.

Os resultados do presente estudo suportam a premissa de que pode existir uma transmissão intergeracional dos vários construtos aqui estudados, sendo importante considerar que as interações com os pais têm um efeito contínuo no funcionamento das relações e que, estes efeitos prevalecem ao longo da vida, desde a infância até à idade adulta. No entanto, a continuidade dos padrões de vinculação – que tem influência nos outros sistemas – é um processo dinâmico que resulta das transações sucessivas entre o indivíduo e o meio ambiente ao longo da sua vida. Com efeito, a qualidade da relação da vinculação pode ser afetada, não apenas pelas mudanças desenvolvimentais, mas também pelo contexto existente e mais amplo das relações, existindo evidências de que estas relações de vinculação são menos estáveis em grupos de risco (e.g., populações economicamente desfavorecidas e alvo de maus-tratos) do que

em amostras de classe média e de baixo risco (De Falco et al., 2014; Stacks et al., 2014; van IJzendoorn et al., 1999). Assim, todos estes processos são inerentemente dependentes da qualidade da relação contínua entre cuidadores e filhos, e também, susceptíveis de serem influenciados pelas próprias vulnerabilidades das crianças, dos pais e pelos fatores familiares e ambientais.

Como limitação à presente investigação considera-se o tamanho reduzido da amostra, quer do grupo de mães (GM), quer do grupo de filhas (GF), devendo os resultados, por este motivo, ser interpretados com precaução.

Sugestões para investigações futuras podem incluir populações de alto-risco, visto que existe uma maior propensão para mudanças no tipo de vinculação e, consequentemente, nos sistemas comportamentais associados, sendo relevante estudar as mudanças comportamentais e dos estilos de vinculação nestas populações, numa multiplicidade de idades e com recurso a outros instrumentos de avaliação, visto ser provável que este tipo de amostra seja uma fonte rica de informações acerca dos processos de continuidade ou descontinuidade entre gerações dos diferentes sistemas comportamentais. Uma replicação deste estudo com a inclusão de uma terceira geração (i.e., avós) e até com os pais (figura paterna), seria um contributo interessante já que permitiria avaliar a complexidade das relações intergeracionais ao agregar diferentes subsistemas familiares. Do mesmo modo, e uma vez que os estudos longitudinais podem chegar a conclusões mais válidas acerca da (des)continuidade intergeracional, um estudo que permitisse avaliar os construtos estudados ao longo do tempo, também seria uma mais-valia.

Podemos então concluir, após tudo o que foi mencionado e de acordo com Bowlby (1973) que a qualidade da prestação de cuidados fornecida pelos primeiros cuidadores pode servir de modelo para melhor compreender como serão os relacionamentos posteriores, e que efetivamente, a sua qualidade vai afetar como os indivíduos pensam, se sentem e se comportam nos relacionamentos futuros.

Referências bibliográficas

- Ainsworth, M. D. (1967). *Infancy in Uganda: infant care and the growth of love*. Baltimore: Johns Hopkins University Press.
- Ainsworth, M. D. (1973). The development of infant-mother attachment. In B. Caldwell e H. Ricciuti (Eds.), *Review of child development research*. Chicago: Chicago Press.
- Ainsworth, M. D. (1989). Attachments beyond infancy. *American Psychologist*, 44(4), 709–716. <http://doi.org/10.1037/0003-066X.44.4.709>
- Ainsworth, M. D., Blehar, M., Waters, E., e Wall, S. (1978). *Patterns of attachment: A psychological study of the Strange Situation*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Allen, J. P., McElhaney, K. B., Kuperminc, G. P., e Jodl, K. M. (2004). Stability and change in attachment security across adolescence. *Child Development*, 75(6), 1792–1805. <http://doi.org/10.1111/j.1467-8624.2004.00817.x>
- Bailey, J. A., Hill, K. G., Oesterle, S., e Hawkins, J. D. (2009). Parenting practices and problem behavior across three generations: Monitoring, harsh discipline, and drug use in the intergenerational transmission of externalizing behavior. *Developmental Psychology*, 45(5), 1214–1226. <http://doi.org/10.1037/a0016129>
- Bean, J.P. (1980). Dropouts and turnover: The synthesis and test of a causal model of student attrition. *Research in higher Education*, 12(2), 155-187. doi: 10.1007/BF00976194
- Beaton, J. M., e Doherty, W. J. (2007). Fathers' Family of Origin Relationships and Attitudes about Father Involvement from Pregnancy through First Year Postpartum. *Fathering*, 5(3), 236–245. <http://doi.org/10.3149/fth.0503.236>
- Beeghly, M., Partridge, T., Tronick, E., Muzik, M., Mashhadi, M., Boeve, J. L., e Irwin, J. L. (2017). Associations Between Early Maternal Depressive Symptom Trajectories and Toddlers' Felt Security At 18 Months: Are Boys and Girls At Differential Risk? *Infant Mental Health Journal*, 38(1), 53–67. <http://doi.org/10.1002/imhj.21617>
- Belsky, J. (1984). The determinants of parenting: A Process Model. *Child Development*, 55(1), 83–96. <http://doi.org/10.2307/1129836>
- Belsky, J., Rovine, M., e Taylor, D. G. (1984). The Pennsylvania Infant and Family Development Project, III: The Origins of Individual Differences in Infant-Mother Attachment: Maternal and Infant Contributions. *Child Development*, 55(3), 718–728.
- Belsky, J., Sligo, J., Jaffee, S. R., Woodward, L., e Silva, P. A. (2005). Intergenerational transmission of warm-sensitive-stimulating parenting: A prospective study of mothers and fathers of 3-year-olds. *Child Development*, 76(2), 384–396. <http://doi.org/10.1111/j.1467-8624.2005.00852.x>
- Boldt, L. J., Kochanska, G., Yoon, J. E., e Nordling, J. N. (2014). Children's Attachment to Both Parents from Toddler Age to Middle Childhood: Links to Adaptive and Maladaptive Outcomes. *Attachment e Human Development*, 16(3), 211–229.

<http://doi.org/10.1080/14616734.2014.889181>

- Bowlby, J. (1973). *Attachment and loss, Vol. II, Separation: Anxiety and anger*. New York: Basic Books.
- Bowlby, J. (1980). *Attachment and loss, Vol. III, Loss: Sadness and depression*. New York: Basic Books.
- Bowlby, J. (1969/1982). *Attachment and Loss: Vol. I. Attachment* (2nd ed.). New York: Basic Books.
- Bowlby, J. (1988). *A secure base: Parent-child attachment and healthy human development*. New York: Basic Books.
- Brennan, K. A., Clark, C. L., e Shaver, P. R. (1998). Self-report measurement of adult attachment: An integrative overview. In J. A. Simpson e W. S. Rholes (Eds.), *Attachment theory and close relationships*. New York: Guilford Press.
- Bretherton, I. (1990). Communication patterns, Internal Working Models, and the intergenerational transmission of attachment relationships. *Infant Mental Health Journal*, 11(3), 237-252.
- Buckholdt, K. E., Parra, G. R., e Jobe-Shields, L. (2014). Intergenerational Transmission of Emotion Dysregulation Through Parental Invalidation of Emotions: Implications for Adolescent Internalizing and Externalizing Behaviors. *Journal of Child and Family Studies*, 23(2), 324-332. <http://doi.org/10.1007/s10826-013-9768-4>
- Canavarro, M. C. (1996). Avaliação das práticas educativas através do EMBU: Estudos psicométricos. *Psychologica*, 16, 5-18.
- Candelaria, M., Teti, D. M., e Black, M. M. (2011). Multi-risk Infants: Predicting attachment security from sociodemographic, psychosocial, and health risk among African-American preterm infants. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 52(8), 870-877. <http://doi.org/10.1111/j.1469-7610.2011.02361.x>. Multi-risk
- Carlson, V., Barnett, D., Cicchetti, D., e Braunwald, K. (1989). Disorganized/Disoriented Attachment Relationships in Maltreated Infants. *Developmental Psychology*, 25(4), 525-531. <http://doi.org/10.1037/0012-1649.25.4.525>
- Cassibba, R., Coppola, G., Sette, G., Curci, A., e Costantini, A. (2017). The Transmission of Attachment Across Three Generations: A Study in Adulthood. *Developmental Psychology*, 53(2), 396-405. <http://doi.org/10.1037/dev0000242>
- Collins, N. L., e Feeney, B. C. (2000). A safe haven: An attachment theory perspective on support seeking and caregiving in intimate relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*, 78(6), 1053-1073. <http://doi.org/10.1037/0022-3514.78.6.1053>
- Collishaw, S., Dunn, J., O'Connor, T. G., e Golding, J. (2007). Maternal childhood abuse and offspring adjustment over time. *Development and Psychopathology*, 19, 367-383. <http://doi.org/10.1017/S0954579407070186>
- Conger, R. D., Belsky, J., e Capaldi, D. M. (2009). The intergenerational transmission of parenting: closing comments for the special section. *Developmental Psychology*, 45(5), 1276-1283. <http://doi.org/10.1037/a0016911>
- Conger, R. D., Neppl, T. K., Kim, K. J., e Scaramella, L. V. (2003). Angry and aggressive behavior

- across three generations: A prospective, longitudinal study of parents and children. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 31(2), 143–160.
- Conger, R. D., Schofield, T. J., e Neppl, T. K. (2013). Disrupting Intergenerational Continuity in Harsh and Abusive Parenting: The Importance of a Nurturing Relationship with a Romantic Partner. *Journal of Adolescent Health*, 53(4), S11–S17. <http://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2013.03.014>
- Crockenberg, S. C., e Leerkes, E. M. (2006). Infant and maternal behavior moderate reactivity to novelty to predict anxious behavior at 2.5 years. *Development and Psychopathology*, 18(1), 17–34. <http://doi.org/10.1017/S0954579406060020>
- Cummings, E. M., e Davies, P. T. (2002). Effects of marital conflict on children: recent advances and emerging themes in process-oriented research. *Journal of Child Psychology e Psychiatry*, 43(1), 31–63. <http://doi.org/10.1111/1469-7610.00003>
- Cummings, E. M., George, M. R., Koss, K., e Davies, P. T. (2013). Parental Depressive Symptoms and Adolescent Adjustment: Responses to Children's Distress and Representations of Attachment as Explanatory Mechanisms. *Parenting: Science and Practice*, 13(4). <http://doi.org/10.1080/15295192.2013.832568>
- Darling, N., e Steinberg, L. (1993). Parenting style as context: An integrative model. *Psychological Bulletin*, 113(3), 487–496.
- Davies, P. T., Hentges, R. F., Coe, J. L., Martin, M. J., Sturge-Apple, M. L., e Cummings, E. M. (2016). The multiple faces of interparental conflict: Implications for cascades of children's insecurity and externalizing problems. *Journal of Abnormal Psychology*, 125(5), 664–678. <http://doi.org/10.1037/abn0000170>
- De Falco, S., Emer, A., Martini, L., Rigo, P., Pruner, S., e Venuti, P. (2014). Predictors of mother-child interaction quality and child attachment security in at-risk families. *Frontiers in Psychology*, 5(898). <http://doi.org/10.3389/fpsyg.2014.00898>
- De Wolff, M. S., e van IJzendoorn, M. H. (1997). Sensitivity and attachment: A meta-analysis on parental antecedents of infant attachment. *Child Development*, 68(4), 571–591. <http://doi.org/10.1111/j.1467-8624.1997.tb04218.x>
- DeGregorio, L. J. (2013). Intergenerational Transmission of Abuse: Implications for Parenting Interventions From a Neuropsychological Perspective. *Traumatology*, 19(2), 158–166. <http://doi.org/10.1177/1534765612457219>
- Diener, M. L., Nievar, M. A., e Wright, C. (2003). Attachment security among mothers and their young children living in poverty: Associations with maternal, child, and contextual characteristics. *Merrill-Palmer Quarterly*, 49(2), 154–182. <http://doi.org/10.1353/mpq.2003.0007>
- Egeland, B., e Farber, E. A. (1984). Infant-mother attachment: factors related to its development and changes over time. *Child Development*, 55(3), 753–771. <http://doi.org/10.2307/1130127>
- Eisenberg, N., Cumberland, A., e Spinrad, T. L. (1998). Parental Socialization of Emotion. *Psychological Inquiry*, 9(4), 241–273.

- Enlow, M. B., Egeland, B., Carlson, E. A., Blood, E., e Wright, R. J. (2014). Mother-Infant Attachment and the Intergenerational Transmission of Posttraumatic Stress Disorder. *Development and Psychopathology*, 26(1), 41–65. <http://doi.org/10.1017/S0954579413000515>
- Fonseca, A., Nazaré, B., e Canavarro, M. C. (2013). Validação da Escala de Representações Mentais de Prestação de Cuidados para a população portuguesa: Um estudo numa amostra de pais de bebés de um mês de idade. *Revista Iberoamericana de Diagnóstico Y Evaluación Psicológica*, 35(1), 161–182.
- Gartstein, M. A., e Iverson, S. (2014). Attachment security: The role of infant, maternal, and contextual factors. *International Journal of Psychology and Psychological Therapy*, 14(2), 261–276.
- Gedaly, L. R., e Leerkes, E. M. (2016). The role of sociodemographic risk and maternal behavior in the prediction of infant attachment disorganization. *Attachment e Human Development*, 18(6), 554–569. <http://doi.org/10.1080/14616734.2016.1213306>
- Hautamäki, A., Hautamäki, L., Neuvonen, L., e Maliniemi-Piispanen, S. (2010). Transmission of attachment across three generations: Continuity and reversal. *Clinical Child Psychology and Psychiatry*, 15(3), 347–354. <http://doi.org/10.1177/1359104510365451>
- Jeon, S., e Neppl, T. K. (2016). Intergenerational continuity in economic hardship, parental positivity, and positive parenting: The association with child behavior. *Journal of Family Psychology*, 30(1), 22–32. <http://doi.org/10.1037/fam0000151>
- Kovan, N. M., Chung, A. L., e Sroufe, L. A. (2009). The intergenerational continuity of observed early parenting: A prospective, longitudinal study. *Developmental Psychology*, 45(5), 1205–1213. <http://doi.org/10.1037/a0016542>
- Kunce, L. J., e Shaver, P. R. (1994). An attachment-theoretical approach to caregiving in romantic relationships. In K. Bartholomew e D. Perlman (Eds.), *Attachment processes in adulthood* (5ª ed.). London, England: Jessica Kingsley Publishers.
- Laurent, H. K., Kim, H. K., e Capaldi, D. M. (2009). Prospective Effects of Interparental Conflict on Child Attachment Security and the Moderating Role of Parents' Romantic Attachment. *Journal of Family Psychology*, 22(3), 377–388. <http://doi.org/10.1037/0893-3200.22.3.377>
- Lockhart, G., Phillips, S., Bolland, A., Delgado, M., Tietjen, J., e Bolland, J. (2017). Prospective Relations among Low-Income African American Adolescents' Maternal Attachment Security, Self-Worth, and Risk Behaviors. *Frontiers in Psychology*, 8(33). <http://doi.org/10.3389/fpsyg.2017.00033>
- Lubiewska, K. (2012). Attachment transmission across three generations in the context of socio-political transformation in Poland. *Cognition, Brain, Behavior*, 16(2), 409–434.
- Lunkenheimer, E. S., Kittler, J. E., Olson, S. L., e Kleinberg, F. (2006). The intergenerational transmission of physical punishment: Differing mechanisms in mothers' and fathers' endorsement? *Journal of Family Violence*, 21(8), 509–519. <http://doi.org/10.1007/s10896-006-9050-2>
- Lyons-Ruth, K., e Spielman, E. (2004). Disorganized infant attachment strategies and helpless-fearful

- profiles of parenting: Integrating attachment research with clinical intervention. *Infant Mental Health Journal*, 25(4), 318–335. <http://doi.org/10.1002/imhj.20008>
- Lyons-Ruth, K., Yellin, C., Melnick, S., e Atwood, G. (2005). Expanding the concept of unresolved mental states: Hostile/Helpless states of mind on the Adult Attachment Interview are associated with disrupted mother–infant communication and infant disorganization. *Development Psychopathology*, 17(1), 1–23. <http://doi.org/10.1097/OPX.0b013e3182540562>.The
- Main, M., e Goldwyn, R. (1984). Predicting Mother’s Experience Abusing Rejection of Her Infant from Representation of Her Own Implications for the Abused- Intergenerational Cycle. *Child Abuse e Neglect*, 8, 203–217.
- Main, M., Kaplan, N., e Cassidy, J. (1985). Security in Infancy, Childhood, and Adulthood: A Move to the Level of Representation. *Monographs of the Society for Research in Child Development*, 50(1), 66–104.
- McElwain, N. L., e Booth-Laforce, C. (2006). Maternal sensitivity to infant distress and nondistress as predictors of infant-mother attachment security. *Journal of Family Psychology*, 20(2), 247–255. <http://doi.org/10.1037/0893-3200.20.2.247>
- McMahon, C. A., Barnett, B., Kowalenko, N. M., e Tennant, C. C. (2006). Maternal attachment state of mind moderates the impact of postnatal depression on infant attachment. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 47(7), 660–669. <http://doi.org/10.1111/j.1469-7610.2005.01547.x>
- Mesman, J., Stoel, R., Bakermans-Kranenburg, M. J., van IJzendoorn, M. H., Juffer, F., Koot, H. M., e Alink, L. R. (2009). Predicting growth curves of early childhood externalizing problems: Differential susceptibility of children with difficult temperament. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 37(5), 625–636. <http://doi.org/10.1007/s10802-009-9298-0>
- Moreira, J. M., Lind, W., Santos, M. J., Moreira, A. R., Gomes, M. J., Justo, J., ... Faustino, M. (2006). “Experiências em Relações Próximas”, um questionário de avaliação das dimensões básicas dos estilos de vinculação nos adultos: Tradução e validação para a população portuguesa. *Laboratório de Psicologia*, 4(1), 3–27.
- Morris, A. S., Silk, J. S., Steinberg, L., e Robinson, L. R. (2007). The Role of the Family Context in the Development of Emotion Regulation. *Social Development*, 16(2), 1–26. <http://doi.org/10.1111/j.1467-9507.2007.00389.x>
- Mount, K. S., Crockenberg, S. C., Jó, P. B., e Wagar, J. L. (2010). Maternal and child correlates of anxiety in 2½-year-old children. *Infant Behavior and Development*, 33(4), 567–578. <http://doi.org/10.1016/j.infbeh.2010.07.008>
- Neppl, T. K., Conger, R. D., Scaramella, L. V., e Ontai, L. L. (2009). Intergenerational Continuity in Parenting Behavior: Mediating Pathways and Child Effects. *Developmental Psychology*, 45(5), 1241–1256. <http://doi.org/10.1037/a0014850>
- Obegi, J. H., Morrison, T. L., e Shaver, P. R. (2004). Exploring intergenerational transmission of attachment style in young female adults and their mothers. *Journal of Social and Personal*

- Relationships*, 21(5), 625–638. <http://doi.org/10.1177/0265407504045891>
- Pacheco, J., Silveira, L. e Schneider, A. (2008). Estilos e práticas educativas parentais: análise da relação desses construtos sob a perspectiva dos adolescentes. *Psico*, 39 (1), 66-73.
- Perris, C., Jacobsson, L., Lindström, H., von Knorring, L., e Perris, H. (1980). Development of a new inventory for assessing memories of parental rearing behaviour. *Acta Psychiatrica Scandinavica*, 61(4), 265–274. <http://doi.org/10.1111/j.1600-0447.1980.tb00581.x>
- Pestana, M. H., e Gageiro, J. N. (2008). *Análise de Dados para Ciências Sociais - A Complementaridade do SPSS* (5ª ed.). Lisboa: Edições Sílabo.
- Raby, K. L., Steele, R. D., Carlson, E. A., e Sroufe, L. A. (2016). Continuities and changes in infant attachment patterns across two generations. *Attachment e Human Development*, 8(5), 583–592. <http://doi.org/10.1002/aur.1474.Replication>
- Reizer, A., e Mikulincer, M. (2007). Assessing Individual Differences in Working Models of Caregiving: The Construction and Validation of the Mental Representation of Caregiving Scale. *Journal of Individual Differences*, 28(4), 227–239. <http://doi.org/10.1027/1614-0001.28.4.227>
- Scaramella, L. V., Neppl, T. K., Ontai, L. L., e Conger, R. D. (2008). Consequences of socioeconomic disadvantage across three generations: parenting behavior and child externalizing problems. *Journal of Family Psychology*, 22(5), 725–733. <http://doi.org/10.1037/a0013190>
- Scharf, M., Mayseless, O., e Kivenson-Baron, I. (2012). Intergenerational concordance in Adult Attachment Interviews with mothers, fathers and adolescent sons and subsequent adjustment of sons to military service. *Attachment e Human Development*, 14(4), 367–390. <http://doi.org/10.1080/14616734.2012.691652>
- Scott, S., Briskman, J., Woolgar, M., Humayun, S., e O'Connor, T. G. (2011). Attachment in adolescence: Overlap with parenting and unique prediction of behavioural adjustment. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 52(10), 1052–1062. <http://doi.org/10.1111/j.1469-7610.2011.02453.x>
- Shah, P. E., Fonagy, P., e Strathearn, L. (2010). Is Attachment Transmitted Across Generations? The Plot Thickens. *Clinical Child Psychology and Psychiatry*, 15(3), 329–345. <http://doi.org/10.1177/1359104510365449>
- Shaw, D. S., Lacourse, E., e Nagin, D. S. (2005). Developmental trajectories of conduct problems and hyperactivity from ages 2 to 10. *Journal of Child Psychology and Psychiatry and Allied Disciplines*, 46(9), 931–942. <http://doi.org/10.1111/j.1469-7610.2004.00390.x>
- Shlafer, R. J., Raby, K. L., Lawler, J. M., Hesemeyer, P. S., e Roisman, G. I. (2015). Longitudinal associations between adult attachment states of mind and parenting quality. *Attachment e Human Development*, 17(1), 83–95. <http://doi.org/10.1080/14616734.2014.962064>
- Shonkoff, J. P., e Phillips, D. A. (Eds.). (2000). *From neurons to neighborhoods: the science of early child development*. New York: National Academy Press.
- Soares, D., e Almeida, L. (2011). Percepção dos Estilos Educativos Parentais: Sua Variação ao Longo

- da Adolescência. Libro de Actas do XI Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia, 4071-4083
- Solomon, J., e George, C. (1999). The caregiving system in mothers of infants: a comparison of divorcing and married mothers. *Attachment e Human Development*, 1(2), 171–90. <http://doi.org/10.1080/14616739900134221>
- Soponar, C., e Dîrţu, M. C. (2014). Antheus' Effect in the Intergenerational Transmission of Attachment Styles and its Importance for Adult Education. *Procedia - Social and Behavioral Sciences*, 142, 564–569. <http://doi.org/10.1016/j.sbspro.2014.07.667>
- Sroufe, L. A., Carlson, E. A., Levy, A. K., e Egeland, B. (1999). Implications of attachment theory for developmental psychopathology. *Development and Psychopathology*, 11(1), 1–13. <http://doi.org/10.1017/S0954579499001923>
- Stacks, A. M., Muzik, M., Wong, K., Beeghly, M., Bocks-Huth, A., Irwin, J. L., e Rosenblum, K. L. (2014). Maternal Reflective Functioning among Mothers with Childhood Maltreatment Histories: Links to Sensitive Parenting and Infant Attachment Security. *Attachment e Human Development*, 16(5), 515–533. <http://doi.org/10.1080/14616734.2014.935452>
- Stansfeld, S., Head, J., Bartley, M., e Fonagy, P. (2008). Social position, early deprivation and the development of attachment. *Social Psychiatry and Psychiatric Epidemiology*, 43(7), 516–526. <http://doi.org/10.1007/s00127-008-0330-4>
- Tarabulsky, G. M., Bernier, A., Provost, M. A., Maranda, J., Larose, S., Moss, E., ... Tessier, R. (2005). Another look inside the gap: ecological contributions to the transmission of attachment in a sample of adolescent mother-infant dyads. *Developmental Psychology*, 41(1), 212–224. <http://doi.org/10.1037/0012-1649.41.1.212>
- van IJzendoorn, M. H. (1995). Adult attachment representations, parental responsiveness, and infant attachment: a meta-analysis on the predictive validity of the Adult Attachment Interview. *Psychological Bulletin*, 117(3), 387–403. <http://doi.org/10.1037/0033-2909.117.3.387>
- van IJzendoorn, M. H., e Bakermans-Kranenburg, M. J. (2003). Attachment disorders and disorganized attachment: Similar and different. *Attachment e Human Development*, 5(3), 313–320. <http://doi.org/10.1080/14616730310001593938>
- van IJzendoorn, M. H., Schuengel, C., e Bakermans-Kranenburg, M. J. (1999). Disorganized attachment in early childhood: Meta-analysis of precursors, concomitants, and sequelae. *Development and Psychopathology*, 11, 225–249.
- Vermulst, A. A., Brock, A. J., e van Zutphen, R. A. (1991). Transmission of parenting across generations. In P. K. Smith (Ed.), *The Psychology of Grandparenthood: An international perspective*. London: Routledge.
- Waldinger, R. J., e Schulz, M. S. (2016). The Long Reach of Nurturing Family Environments: Links With Midlife Emotion-Regulatory Styles and Late-Life Security in Intimate Relationships. *Psychological Science*, 27(11), 1443–1450. <http://doi.org/10.1177/0956797616661556>

- Wang, M., Xing, X., e Zhao, J. (2014). Intergenerational Transmission of Corporal Punishment in China: the Moderating Role of Marital Satisfaction and Gender. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 42(8), 1263–1274. <http://doi.org/10.1007/s10802-014-9890-9>
- Waters, E., e Cummings, E. M. (2000). A secure base from which to explore close relationships. *Child Development*, 71(1), 164–172. <http://doi.org/10.1111/1467-8624.00130>
- Waters, T. E., Bosmans, G., Vandevivere, E., Dujardin, A., e Waters, H. S. (2015). Secure Base Representations in Middle Childhood Across Two Western Cultures: Associations with Parental Attachment Representations and Maternal Reports of Behavior Problems. *Developmental Psychology*, 51(8), 1013–1025. <http://doi.org/10.1037/a0039375>
- Zreik, G., Oppenheim, D., e Sagi-Schwartz, A. (2016). Infant Attachment and Maternal Sensitivity in the Arab Minority in Israel. *Child Development*, 1–12. <http://doi.org/10.1111/cdev.12692>